

# Oengman

## Menen *vê seu caminho*

Apontamentos sobre  
a vida e as mortes das  
mulheres ikpeng

Amanda Horta



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação – CIP

---

H821o

Horta, Amanda.

Oengman Menen: vê seu caminho. Apontamentos sobre a vida e as mortes das mulheres ikpeng. / Amanda Horta. – Brasília: Gráfica Movimento, 2020.

77 p. : fots. color. ; 14,8 x 21 cm.

ISBN 978-65-990953-0-6

Inclui posfácio ao final da publicação.

1. Xingu, Brasil. 2. Mulher, empoderamento. 3. Coleta, sementes. 4. Indígenas, Brasil. 5. Povos indígenas, Brasil. 6. Ikpeng, povo. 7. Rede de sementes, Xingu. I. Amanda Horta. II. Título. III. Subtítulo

CDD – 371

Amanda Horta

# OENGMAN MENEN: VÊ SEU CAMINHO

Apontamentos sobre a vida  
e as mortes das mulheres ikpeng

Gráfica Movimento  
Brasília, 2020.

Expediente

## **Diagnóstico Antropológico**

Amanda Horta

## **Edição**

Dannyel Sá

## **Revisão**

Filipe Marques

Dannyel Sá

Andrea Ono

## **Equipe Associação Rede de Sementes do Xingu**

### ***Diretoria***

Antônio Augusto Marques Martins

Bruna Dayanna Ferreira de Souza

Tariaiup Kayabi

### ***Comitê Diretivo***

Eliane Righi

Tawaiku Juruna

Milene Alves

Antônio Augusto Marques Martins

Bruna Dayanna Ferreira de Souza

Tariaiup Kayabi

### ***Coordenação executiva***

Bruna Dayanna Ferreira de Souza

### ***Fortalecimento da diversidade***

Dannyel Sá (coordenação)

Ana Lucia Silva Sousa

Claudia Araújo

Elizabete Carolina Pinheiro Zaratim

Oreme Otumaka Ikpeng

### ***Produção e qualidade***

Cláudia Araújo (coordenação)

Eduardo Malta

Luciano Langmantel Eichholz

### ***Responsável técnico***

Guilherme Pompiano

### ***Responsáveis pelas Casas de Sementes***

Marcos Vinícius Silva Lima

Denise Santos da Costa

Laiane Mirilli da Cruz Souza Korte

Natanael Lopes Machado

### ***Vendas***

contato@sementesdoxingu.org.br

### ***Restauração ecológica***

João Carlos Mendes Pereira (coordenação)

Lara Aranha da Costa

### ***Administrativo***

Raissa Ribeiro

Rodrigo Gomes

### ***Conselho curador***

Cleusa Nunes de Paula

Elizabeth Carolina Pinheiro Zaratim

Plácides Pereira Lima

Rodrigo Gravina Prates Junqueira

Vânia Costa Aguiar

Wareaiup Yowire Kaiabi

### ***Conselho fiscal***

Andréia Arruda Américo

Felipe Cabral e Silva

Francisco Iglioni Gonsales

## ***Elos locais***

Acrísio Luiz dos Reis, Aparecida Fátima Oliveira Martins, Abeldo Virâwê, Carolina Rewaptu, Cleber Marcelino da Silva, Cledinei Maria de Jesus Carvalho, Cleusa Nunes de Paula, Elcio Xavante, Edsmar Jose Sackser, Eliane Righi, Herta Amanda Ehrlich, João Carlos Ferreira dos Santos, Mario Fulanetti Filho, Roberzan Tusset, Meixula Waurá, Makawa, Pedrinho Waurá, Rutimara Cruz de Mello, Amanajup Kaiabi, Tymãkari Kaiabi, Kyrykwat Kaiabi, Mayara Kaiabi, Kaiapo Matipu, Vilma Sousa Santos e Valdines Cardoso de Sousa

## **Movimento das Mulheres Yarang**

Kiara Yametpa Ikpeng, Pomta Ikpeng, Nongkiru Wemo Ikpeng, Riwogi Ikpeng, Mari Ikpeng, Yamuno Arepo Txicão, Wagem Ikpeng, Kawyago ikpeng, Womni Enmangru Ikpeng, Yuwipo Ikpeng, Enualu Lai Ikpeng, Kuem Kaiabi, Kayulu Waura, Akaya Ikpeng, Nawuguna Pati Ikpeng, Ariwo Ikpeng, Yawala Ikpeng, Yamaru Ikpeng, Magaro Ikpeng, Erapu Ikpeng, Wanku Ikpeng, Yemu Ikpeng, Yanki Ikpeng, Yakawa Ikpeng, Enmangru Txicão, Akuyalu Txicão, Aposá Ikpeng Trumai, Yawate Ikpeng, Makawa Pikeni Ikpeng, Ragiwo Akaintxarin Txicão, Alapu Txicão, Frank Tanipu Ikpeng, Kanairu Ikpeng, Mayawakulu Ikpeng, Pomila Ikpeng, Ripo Txicão, Yelu Txicão, Mogori Txicao, Awato Ikpeng, Taluki Kamatiakalu Ikpeng Waura, Reipi Ikpeng, Maiku Ikpeng, Kamiru Yawate Waura, Yanalu Ikpeng, Kuripo Ikpeng, Makawa Ikpeng, Mayupi Txicão, Opogi Ikpeng, Iriwa Txicão, Katiparu Kayanalú Waura, Remiru Ikpeng, Katuma Ewoera Ikpeng, Wamketi Mari Txicão, Ayanuke Ikpeng Waura, Mahowalu Waura Txicão, Dinei Ikpeng, Kumare Ikpeng, Arinka Ikpeng, Yapapa Ikpeng, Kore Ikpeng, Ayaneku Ikpeng, Oreme Ikpeng, Yapo Ikpeng, Kayanalú Ikpeng, Egero Ikpeng, Natuyu Ikpeng, Kalimama Ikpeng, Yawapa Ikpeng Wuara, Yanewo Ikpeng, Terê trumai, Tepeno Ikpeng, Txiwugu Ikpeng

## **Fotografias**

Adryan Araújo Nascimento  
Amanda Horta  
André Villas Boas  
Ayrton Vignola  
Carolina Quintanilha  
Clara Roman  
Dannye Sá  
Eduardo Biral  
Guaíra Maia  
Oreme Otumaka Ikpeng  
Rogério Assis

## **Capa**

João Emediato

## **Projeto gráfico e diagramação**

Gráfica Movimento


## **Tiragem**

500 exemplares

## **CONTATO**

Associação Rede de Sementes do Xingu (ARSX)  
Av. São Paulo, 202, Centro  
Canarana, CEP 78.640-000  
Tel.: (66) 3478-3491  
[contato@sementesdoxingu.org.br](mailto:contato@sementesdoxingu.org.br)





## SUMÁRIO

Prefácio 10

### PARTE 1

SOBRE OS IKPENG 13

### PARTE 2

O TRABALHO DAS YARANG 27

### PARTE 3

O XINGU NO BRASIL ENTRE TROCAS E TENSÕES 47

### PARTE 4

A REDE DE SEMENTES DO XINGU 65

Posfácio 77

# Prefácio

**E**sta publicação materializa um dos produtos do projeto **Karake, Awojopai, Esague, Wábi anu: Rede de Sementes do Xingu pluriétnica** executado pela Associação Rede de Sementes do Xingu em parceria com os povos Wauja, Ikpeng, Kawaiwete e Yudja no Território Indígena do Xingu. Este projeto foi elaborado para fortalecer a organização interna dos grupos de coleta de sementes nativas desses povos xinguanos que já faziam parte da RSX. Hoje, vemos que a participação dos povos indígenas está cada vez mais presente nos espaços de decisão da iniciativa. Também percebemos que o fortalecimento do protagonismo dos grupos xinguanos tornou mais frequentes e próximas as trocas diretas de experiências entre os elos e coletores dos diferentes grupos. Ampliamos o leque de soluções criativas para a construção do futuro da Rede e dos coletores que a compõem, trazendo cada vez mais elementos que contribuem para modelagem de sua organização.

É justamente essa abertura a outros mundos e a modos distintos de experimentá-los que faz a Rede ser especial como é. Mas mergulhar no modo de vida e de pensamento de cada um dos povos indígenas é um grande desafio para muitos de nós cajiaba-tupi-cara'i-tapuin, os não-índios a quem os povos nativos chamam de “brancos”. Mesmo nas oportunidades que a Rede proporciona, no sentido de promover trocas de experiências, ainda é possível que tudo seja tão diferente de nós que cause estranhamento ou pareça difícil demais de entender. Para uns, a presença dos indígenas na Rede pode ser motivo de encantamento e fascínio. Para os outros, pode desafiar a sua capacidade de conectar diferenças. O fato é que ninguém é indiferente a esta situação.

Neste livro, nos propomos a dar mais uma pincelada nas muitas imagens que os diferentes coletores da Rede tecem sobre as experiências da coleta de sementes das mulheres Yarang do povo Ikpeng. Este material ajuda a conhecermos melhor a Rede que integramos, apresentando a particularidade das relações que os Ikpeng estabelecem com as espécies vegetais, os animais, os espíritos, e como a RSX está inserida neste contexto. Mais:

que muitas vezes existem diferenças entre a forma como os homens e mulheres das aldeias Moygu e Arayo constroem essas relações.

Quando percebemos que as mulheres e os homens ikpeng se relacionam com a floresta e os seres que a habitam de uma forma muito particular, nos damos conta de que o alcance do trabalho da Rede de Sementes do Xingu é muito maior do que, a princípio, poderíamos imaginar. Nos damos conta de que a realidade de cada grupo coletor corresponde a um conjunto de histórias, de modos de existência, de entendimentos de mundo e que a Rede que os conecta não é uma, mas “muitas Redes de Sementes do Xingu”. De que as sementes que circulam na RSX são imbricadas de relações capazes de subverter a extinção de mundos físicos e imateriais provocada pelo desmatamento. E de que a Rede de Sementes do Xingu atua para estes mundos continuarem existindo e para criar outros mundos mais, plantando florestas e estimulando as relações destes coletivos de pessoas com a terra e o território.

Dannyel Sá  
*Assessor Socioambiental da  
Associação Rede de Sementes do Xingu*



Parte 1

# SOBRE OS OS IKPENG



## UM MUNDO ANIMADO

O mundo em que habitam os Ikpeng não é como o mundo dos brancos. Para estes indígenas que vivem no Território Indígena do Xingu, a natureza não é separada do homem, nem foi dominada por ele. De fato, isso a que chamamos natureza – um conjunto de seres animais e vegetais e de fenômenos naturais sem inteligência, nem sentimentos – é, para os Ikpeng, um *mundo social*, marcado por relações de ciúme, de vergonha, de raiva, de parentesco, de amizade e inimizade.

Os Ikpeng afirmam que **tudo na Terra tem vida e que cada ser possui o seu espírito-dono**. Um *espírito-dono* é um ser não-humano que controla e cuida de um outro ser ou coisa. No mundo ikpeng, cada espécie vegetal ou animal, cada tipo de casa, de flecha ou de cesto possui um *espírito-dono*. Eles controlam e protegem suas crias, prezam pelo seu bem-estar, sua reprodução e mobilidade<sup>1</sup>.

Esta discussão remete a um mito – um “segredo”, dizem – contado por Kuripo e Tapampo, em junho de 2019, na manhã anterior a uma expedição de pesca com timbó. O timbó é um cipó, cuja seiva é muito usada como veneno de pesca pelos indígenas das Américas. Os Ikpeng diferenciam várias espécies de timbó, destacando o timbó de córrego e o timbó de lagoa. Cada um deles é bom para pescar em um determinado lugar. Mas, como contaram, diferente dos outros, o timbó do córrego tem “segredo”:

“Antigamente, Cipó e Calango eram gente. Eles brigaram e Cipó, que era gente, se transformou em cipó. Daí, hoje, se enquanto os Ikpeng batem timbó alguém chama o nome do Calango, o Dono do timbó, vai embora e os peixes não morrem.” (Kuripo e Tapampo, 30 de junho de 2019, comunicação pessoal).

Sem o seu Dono, o timbó de córrego perde sua eficácia, seu poder. O “segredo” do timbó se referia à querela entre o Dono e o Calango.

Para os Ikpeng, é muito importante conhecer as regras e as histórias. A floresta para eles é extremamente viva e repleta de relações complicadas.

---

1 FAUSTO, Carlos. 2008. Donos demais: Maestria e Domínio na Amazônia. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2.

Por isso, agir é sempre intervir nessas relações, podendo trazer consequências indesejadas. Uma pescaria no córrego com timbó envolve, além de todos os humanos presentes, a presença dos peixes, do Dono do timbó, às vezes, a presença do Calango, além de vários outros seres invisíveis aos olhos destreinados.

## PERIGOS E ALEGRIAS DA PESCA COM TIMBÓ

Na manhã seguinte, a família de Kuripo, junto a algumas outras famílias ikpeng, participou da expedição de pesca com timbó. Ninguém “chamou o calango”, mas ainda assim não morreram muitos peixes. Alguns diziam, rindo, que a namorada secreta de um dos jovens devia estar menstruada. O sangue também espanta o espírito do timbó, cortando sua eficácia. Mulheres menstruadas e homens cujas namoradas estão menstruadas (pessoas que estão em contato direto com as regras femininas) não devem participar do timbó.

Mesmo pegando apenas peixes pequenos, o timbó foi um grande evento. Os peixinhos foram devorados com gosto pelas famílias nos acampamentos de pesca. Eram 4 ou 5 destes acampamentos, cada um a uma altura distinta do córrego.



Acampamento de timbó

Cada acampamento junta parentes próximos e distantes, intensificando suas relações pelo compartilhamento dos peixinhos, pela troca de palavras e de afetos. O timbó alegre e envolve os participantes nas tradições ikpeng, nas normas da dieta, nos perigos do rio – arraias, peixes elétricos, jacarés e espíritos – e nas relações entre os parentes. Um momento importantíssimo da vida social ikpeng, que rende um sem fim de conversas para os dias que se seguem.

## TESTANDO AS REGRAS

**M**akawa, uma das lideranças do Movimento de Mulheres Yarang, mãe de Kuripo, é a parteira mais velha da aldeia Moygu. É ela quem possui mais conhecimento; todas as outras, segundo conta, são suas aprendizes. O problema é que Makawa é alérgica a sangue, como ela mesma diz.

A “alergia” a sangue faz com que realizar partos seja uma atividade dolorosa e perigosa para Makawa. Ainda assim, sendo a parteira mais experiente da aldeia, Makawa diz ser preciso aguentar. O simples contato com o sangue faz com que ele se acumule dentro do corpo da parteira, contaminando-a. Por isso, depois de realizar um parto, Makawa precisava sempre procurar um pajé. Por sorte, seu marido e seu sogro são especialistas nessas curas “espirituais” – forma pela qual ela explica, em português, o trabalho de ambos. O pajé então retira o sangue que se acumulou em seu corpo e alivia as dores e o mal-estar. O alívio, entretanto, dificilmente é completo.

A alergia a sangue afeta Makawa também quando ela tem que compartilhar a casa com uma mulher menstruada. Quando as regras de sua neta de 14 anos vêm, a menina deixa a casa da mãe e da avó e vai dormir na casa ao lado, onde mora sua tia materna, Kita. Kita não é muito *alérgica a menstruada*, mas Makawa e Kuripo são. A palavra **alergia** é usada por elas para dizerem que são sensíveis a tudo que a tradição ikpeng considera que causa doenças. Mais do que isso, o termo alergia parece mostrar também que nem todos os Ikpeng são alérgicos a sangue, isto é, nem todos sofrem com o contato com esse líquido corporal perigoso e contaminante.

Assim, Makawa e Kuripo se dizem alérgicas a sangue e a uma série de itens que, segundo a tradição ikpeng, são contagiosos. A proibição destes itens, porém, vem sendo testada – e, às vezes, contestada – pelas

peças da comunidade. Ainda que não seja usada por todos na aldeia, a expressão *alérgica* mostra que se uma pessoa não segue uma proibição da cultura, mas não sofre nenhum mal pronunciado pela regra, isso não significa que a regra seja falsa. Significa, apenas, que o corpo dessa pessoa é distinto dos outros corpos ikpeng, que ele não é *alérgico*.

## QUEM NÃO TEM ALEGRIA, NÃO TEM SAÚDE

Os partos não eram a única atividade perigosa que Makawa fazia afirmando ser “preciso aguentar”. Após sua viagem a São Félix do Araguaia, onde ela participou do Encontro Anual da Rede de Sementes do Xingu, Makawa sentia dores em uma das pernas. Poucos dias depois, ela já usava um cajado e mancava de forma muito evidente. Makawa explicava suas dores lembrando que em São Félix uma de suas companheiras de quarto estava menstruada e, como vimos, Makawa é *alérgica* a menstruada.

Mas havia ainda outra razão para as dores de Makawa: sua perna era ruim porque o espírito da mandioca fazia mal a ela. Makawa conta que o *espírito-dono* da mandioca, Aríko<sup>2</sup>, não gosta quando as mulheres vão à roça todos os dias. Quando uma mesma mulher colhe mandioca todos os dias, ela colhe em excesso, e a boa relação com os *espíritos-donos* tem a ver com um certo equilíbrio da exploração humana. Mais do que isso, o dono da mandioca se enraivece quando as mulheres vão à roça **sem alegria**, com desgosto ou braveza, explicou Makawa. “Mas ninguém ajuda”, dizia ela, como que justificando o fato de que várias vezes ela chegava à roça brava, por ter de fazer o trabalho sozinha. E acrescentava que o peixe e a mandioca são a base da alimentação ikpeng, razão pela qual era preciso ir com tanta frequência à roça. Segundo Makawa, não havia o que fazer. Era preciso **encarar as consequências de viver em mundo de relações conflituosas – com os espíritos e com os outros humanos**.

Esta segunda razão se relaciona com as experiências de Makawa como parteira. Nos dois casos, diante do perigo do contato com o sangue e do perigo de desagradar o espírito da mandioca, não havia solução possível:

2 Aríko é o nome do dono da mandioca. Segundo os Ikpeng, é um tipo de vespa, um bichinho pequeno, um inseto. Os donos das sementes também são bichinhos.

era preciso fazer os partos das mulheres de sua comunidade, assim como era preciso ir à roça e colher mandioca para alimentar sua família. A necessidade, portanto, complexifica muito as relações com o mundo, pois este não é, definitivamente, passivo às atitudes humanas. **Viva e sentimental, lidar com a floresta requer negociação constante e, muitas vezes, aguentar o mal se coloca como única alternativa possível.**

## TRANSFORMAÇÕES DAS TRADIÇÕES

**E**ntre os Ikpeng, as doenças são causadas pelo ataque de flechinhas minúsculas enviadas pelos seres da floresta, que deixam o corpo da vítima fraco e frágil<sup>3</sup>. Nessa condição, dizem os Ikpeng, o corpo pode se transformar de maneiras indesejadas. Os corpos das pessoas alérgicas são ainda mais vulneráveis a esses seres que habitam a floresta. Por essa razão, na casa de Makawa e Kuripo todos seguem um número grande de normas e proibições.

As alergias de Makawa e Kuripo as deixavam mais vulneráveis às doenças exigindo muitas regras e cuidados. Yawala, a filha adolescente de Kuripo, não tocava nos alimentos coletivos quando estava menstruada. Pedia que a mãe cortasse para ela os pedaços de peixe e beiju, pois ela só poderia tocar naqueles que apenas ela fosse consumir. O sangue de seu ventre contaminaria os alimentos, caso ela os tocasse, e adoceria não só aos alérgicos, mas a qualquer um que os comesse. Todos os meses, ao menstruar, Yawala deixava a casa da mãe e dormia por alguns dias na casa de Kita, sua tia materna. Kita não é alérgica, não se sentia mal em dividir o teto com Yawala, mas tampouco permitia que ela tocasse em seu alimento.

Mesmo que a vida ikpeng pareça excessivamente regulada, muitas vezes eles dizem que as regras antigas eram muito mais rígidas que as regras de hoje. Os Ikpeng não comiam “quase nada”, dizem. Até mesmo tucunaré e matrinxã, peixes tão comuns na dieta atual, eram alimentos proibidos nos tempos antigos, quando viviam na região do Jatobá.

Em Arayo, aldeia menor, todos comem tracajá, alimento proibido aos Ikpeng. Apesar de comerem tracajá, as mulheres de Arayo que participaram do Encontro Anual da R SX em São Félix do Araguaia recusaram o pintado

3 RODGERS, David. 2002. A soma anômala: A questão do suplemento no xamanismo e menstruação ikpeng. **Mana** 8 (2), Rio de Janeiro.

que foi servido no almoço do último dia. O pintado também é um peixe proibido para os Ikpeng. Se as mulheres de Arayo comem tracajá, por que não comeriam pintado? Tapampo explicou dizendo que, pouco tempo atrás, uma das mulheres de Arayo teve apendicite. O pajé teria fumado e descoberto a causa da doença: a quebra dos tabus alimentares. Por isso, agora, elas vinham seguindo outra vez as regras que por tantos anos pensaram não terem efeito sobre elas.

## A IMPORTÂNCIA DAS ESPÉCIES VEGETAIS

As espécies vegetais ocupam um lugar importantíssimo na vida social A Ikpeng. As plantas são fonte de alimento (várias sementes são comestíveis, como as da mamoninha), de remédios, de materiais necessários aos rituais, à construção das casas e a tantas outras coisas indispensáveis aos Ikpeng. Com os frutos da mutamba, produz-se um delicioso mingau doce. Com o cafezinho do pasto, os raizeiros produzem um poderoso remédio. Ambos fazem parte das espécies florestais coletadas para a RSX.

Em sua dissertação de mestrado, Korotowi Taffarel, acadêmico da etnia ikpeng, lista as atividades de manejo de recursos ambientais necessárias ao ritual de tatuagem. Muito antigo e tradicional, este ritual marca o fim da infância dos meninos tatuados. As espécies vegetais constam no quadro abaixo:

**Quadro 1**

Nome em	Nome em Português	Parte Utilizada	Finalidade
Yepkuy	-	Látex	Fixar toras de bambu no rosto
Yemi	-	Látex	Misturar no urucum para dar consistência
Yego	-	Tronco	Fazer espetos para furar as orelhas dos meninos
Powuk	Bambu		Usado para fazer flautas
Txintat	Embira	Casca	Usado para amarrar várias coisas durante o ritual
Engnet	Buriti	Broto e palha	Fazer enfeite para os braços e flauta
Onon	Urucum	Semente	Passar no cabelo e no corpo

Ototo	Tucum	Broto	Armação de cocar
Munuk	-	Galhos	Para fazer tochas

Fonte: TAFFAREL, Korotowi. 2010. *O ritual da tatuagem: educação ambiental e prática cultural entre os Ikpeng*. Dissertação de Mestrado. PPCA-UNEMAT. Cáceres, MT.

Yepkuy, a primeira espécie da lista, é uma árvore do cerrado chamada em português de leiteira, cujas sementes constam na lista de espécies coletadas pela Rede de Sementes do Xingu. Sua seiva é usada como cola, para fixar as tiras de bambu no rosto e no corpo dos dançarinos do ritual de tatuagem dos meninos e dá um efeito similar ao algodão. Isso mostra como a relação dos Ikpeng com essa espécie é muito anterior às atividades da RSX.



Dançarino ornado com tiras de bambu

Yemī, a segunda espécie do Quadro 1, parece-se muito com a leiteira do brejo e sua seiva é também um tipo de látex. Em ambos os casos, são os homens que devem retirar o látex, seguindo algumas regras. Os homens que possuem mulheres grávidas ou filhos pequenos, que ainda não começaram a andar, não podem manejar estas espécies, sob o risco de fazerem mal aos seus bebês.

A capacidade de ficar em pé indica a estabilidade de um corpo, seu poder de se manter vivo enquanto humano. Aqueles que não ficam de pé – os bebês e os doentes prostrados na rede – tendem a ser mais vulneráveis aos seres que causam doenças. Além do mais, os pais possuem uma conexão corporal com os bebês que faz com que os espíritos sejam capazes de fazer mal à criança através dos pais. Por isso, desde a gestação até o momento em que a criança anda, os pais têm que seguir uma série de regras, evitando o esforço físico e os perigos da floresta. Retirar látex ou óleo das espécies vegetais incomoda os seus *espíritos-donos* que fazem mal aos Ikpeng. Os adultos são capazes de resistir e enfrentar o perigo, mas as crianças pequenas, muito mais frágeis, são as mais afetadas nessas situações.

A utilidade de Yemī e Yepkuy não deve nos levar a imaginar que a importância das espécies vegetais se restringe àquilo que os Ikpeng fazem com elas. Qualquer forma de manejo ambiental é muito bem regulada, já que depende da negociação com os *espíritos-donos* de cada uma destas espécies.

## O BURITI E O JATOBÁ

Quando os Ikpeng extraem ramos, galhos, cera, seiva ou sementes das espécies florestais, eles se preocupam sempre em alegrar de algum modo os *espíritos-donos* destes vegetais. Nesse contexto, o “estado de espírito” das pessoas é importantíssimo.

O buriti, cujas sementes são muito coletadas pelas mulheres Xavante da RSX, também tem destaque na vida ikpeng. O ramo de sua palha é usado para produzir as flautas tocadas no ritual de tatuagem dos meninos, como consta no Quadro 1. Enquanto manejam o buriti, os Ikpeng cantam uma música sobre esta espécie, com o intuito de alegrar seu *espírito-dono*, “para que ele não faça mal às pessoas durante a festa”<sup>4</sup>.

Lembre-mos que Makawa atribuía suas dores nas pernas ao fato de que ia à roça brava, o que desagradava o espírito da mandioca, que se vingava fazendo-a adoecer. O mesmo se passa com relação à coleta. Coletar com alegria é fundamental para sobreviver aos perigos da floresta. Cantando, os Ikpeng alegram a si mesmos e aos *espíritos-donos*, e esse

4 TAFFAREL, Korotowi. 2010. *O ritual da tatuagem: educação ambiental e prática cultural entre os Ikpeng*. Dissertação de Mestrado. PPCA-UNEMAT. Cáceres, MT.

estado de contentamento geral garante sua estabilidade corporal, isto é, sua saúde, sua permanência enquanto humanos.

O jatobá também é uma espécie muito importante para os Ikpeng. Antes de serem transferidos para a região dos formadores do rio Xingu, onde vivem hoje, os Ikpeng habitavam a região do alto rio Jatobá, a oeste do TIX. Abastada em jatobás, os Ikpeng reconhecem a região como seu território tradicional e lutam pela sua demarcação. Os mais velhos contam com nostalgia que no Jatobá há muitas espécies vegetais que não existem no Xingu. Algumas sementinhas pequenas com as quais se fabricam colares de contas, muitas plantas para remédios, espécies comestíveis, continuam vivas na memória dos Ikpeng, que as ouviram tantas vezes de seus pais e avós. O jatobá que dava nome à região também existe no TIX, embora em menor quantidade. As mulheres mais velhas costumam me dizer que ele é *tradicional do Ikpeng*: o manejo desta espécie lembra os tempos antigos, os ensinamentos de seus pais e avós que viveram a transferência do Jatobá ao TIX.



Koré coleta jatobá

Com sua casca, os Ikpeng antigos faziam suas canoas, com a seiva, os Ikpeng de hoje produzem remédios. A polpa de jatobá é comestível, muito apreciada sobretudo quando misturada com mel. Com a cera do jatobá, se produz a fuligem usada para as tatuagens dos meninos. Ainda segundo Korotowi Taffarel, o pé de jatobá do qual se retira a cera não pode ser

derrubado, pois seu *espírito-dono* ficaria bravo e adoeceria as pessoas envolvidas na festa.

As mulheres ikpeng destacam que **tudo tem regra**: gestantes não devem abrir o urucum, seus maridos não devem tirar resinas de espécie alguma. Desse modo, este é um pequeno fragmento das regras ikpeng de manejo de recursos ambientais, que poderia se estender por mais uma infinidade de páginas. **As atividades extrativistas nas quais se envolvem os Ikpeng são mediadas pelas relações com os espíritos-donos e por isso são reguladas por muitas regras.** Assim, as regras da coleta de sementes florestais se enquadram num **universo mais amplo de manejo** dos recursos naturais que ultrapassam em muito a coleta das espécies determinadas pela RSX.

## A CAÇA – O MODO MASCULINO DE RELAÇÃO COM A FLORESTA

Certa manhã de julho de 2019, Kapiuka dirigia o barco das Yarang os-tentando uma espingarda cruzada em suas costas. A espingarda era para caçar, dizia, mas, naquele dia, Kapiuka não atirou em nada, nem mirou sua arma para animal algum. Ele contava que, uma vez, deparou-se com uma onça atravessando o rio, mas que não quis matá-la. A arma, na verdade, era para proteção, dizia. Na aldeia, são bastante raras as vezes que os homens trazem algum tipo de caça para casa. Porém, quando alguém pergunta sobre o paradeiro de algum homem da aldeia, é comum escutar de seus parentes que ele “saiu para caçar”.

De fato, muitos Ikpeng dizem que hoje não há mais caça naquela região. A aldeia cresceu, espantou os bichos e é muito raro que alguém consiga abater algum animal. Algumas mulheres dizem também que hoje quase não existem mais caçadores – a falta da caça não permite a prática necessária para os mais jovens aprenderem. Se praticamente não existe mais caça, nem caçadores, por que tantas vezes os Ikpeng – homens e mulheres – diziam que os homens “saíram para caçar”?

Quando dizem que vão caçar, os homens **saem para a floresta**. De fato, se houver caça, eles provavelmente a caçarão. Mas sem que haja animais para caçar, no mato, eles podem fazer várias outras coisas que não foram planejadas de antemão. Os homens vagam no mato de uma forma

que as mulheres não o fazem: sair para caçar parece ser uma forma de se referir a esta andança vaga de quem procura alguma coisa que, destarte, não sabe o que é. Desse modo, a caça é o **modo masculino de relação com a floresta**, marcado por um tipo de **negociação com os donos-espíritos e por uma regra de comportamento adequado à vida fora da aldeia**. Para caçar, é preciso se comunicar com a floresta, assim como nas atividades de extrativismo vegetal: prestando atenção aos *espíritos-donos* e ao estado de ânimo do próprio caçador.

## MOYGU E ARAYO

Existem 5 aldeias ikpeng no Território Indígena do Xingu: Moygu, Arayo, Pavuru, Rawo e Tupara. As mulheres Yarang coletoras de sementes vivem nas aldeias Moygu, Arayo e Pavuru. Muito próximas, a população destas três comunidades soma 443 pessoas assim distribuídas: Arayo (68), Moygu (344) e Pavuru (31)<sup>5</sup>. Moygu, a aldeia grande, é onde vivem Makawa e Kuripo. A aldeia Arayo é uma aldeia recente, aberta em meados da primeira década de 2000 e chefiada pelo cacique Iacuna. Ainda assim, a maior parte das reuniões, festas e rituais importantes dos Ikpeng acontecem na aldeia Moygu.



Vista aérea de Moygu

5 DSEI (Distrito Sanitário Especial Indígena). 2019. *Censo do Território Indígena Xingu*. Circulação interna.

Para os moradores e o cacique Iacuna, Arayo não é menos importante que Moygu, mas é uma aldeia autônoma, com interesses particulares, capacidade de tomar suas próprias decisões e de traçar seu próprio destino. Algumas vezes, é possível notar certa **rivalidade** entre as duas, principalmente quando Arayo reclama a distribuição desigual de atenção, recursos e bens entre as aldeias.



Vista aérea de Arayo

As relações com a floresta e as regras da tradição são importantes nas duas aldeias ikpeng. Ainda assim, existem diferenças importantes entre elas. **O tamanho da comunidade afeta o modo como se dão as relações entre seus membros.** Ações coletivas, que reúnem todas as mulheres, por exemplo, são mais frequentes em Arayo do que em Moygu. Juntar as pessoas numa aldeia de menos de 100 habitantes é uma tarefa muito mais simples. De fato, as mulheres de Arayo passam suas tardes juntas na casa do centro, trocando palavras, afetos, verdades, partilhando o espaço-tempo. Como consequência, o grupo de Arayo soa mais homogêneo que o de Moygu, sobretudo pelas muitas trocas diretas realizadas pelos seus habitantes.





Parte 2

# O TRABALHO DAS YARANG

## CONHECENDO AS MATRIZES

Quando uma mulher do povo Ikpeng sai para coletar sementes florestais, é comum que lhe digam: “oengman menen”. Literalmente, a expressão significa “vê seu caminho”. A tradução mais acertada, porém, seria “cuidado”. Como vimos, o mundo que eles habitam é habitado também por muitos outros seres e cada ato – na aldeia, na floresta, ou em qualquer outro lugar – pode sempre vir a desagradar alguém. **Por isso, é preciso ver o seu caminho, conhecer as regras, atentar-se aos sons, aos cheiros, aos astros.** É preciso estar atento e encontrar a boa medida entre a produção da vida (os alimentos vindos da roça, da caça e da coleta) e da morte (a vingança dos *espíritos-donos* dos animais caçados, dos vegetais arrancados, dos frutos extraídos).

Ainda assim, a coleta das mulheres não é organizada por nenhum tipo de combinado formal. Quando uma mulher vai roçar, participar de uma pescaria com timbó ou acompanhar um homem no mato para tirar madeira, ela pode aproveitar para buscar matrizes ou até mesmo para coletar algumas sementes que encontra. Coletar tem a ver com o desejo e com a ocasião.

Quando as sementes começam a cair, Kuripo e sua mãe Makawa sempre saem juntas para coletar. As coletas que envolvem pessoas de apenas algumas poucas casas são chamadas de coletas “individuais”. As duas entram numa trilha nos fundos da casa, cruzam algumas roças e uma região de campo similar aos famosos campos do alto Xingu, e, aos poucos, mergulham dentro da mata densa.



Kuripo e Makawa saem juntas para coletar

Aos pés de uma árvore alta, seus olhos miram a copa das árvores, depois baixam ao chão, onde elas veem as primeiras sementes. Coletar requer uma atenção redobrada: é preciso destacar a matriz entre muitas outras copas de árvores e as sementes caídas entre muitos outros elementos no chão.

Certa manhã, as duas saíram junto com uma prima de Kuripo para coletar. Kuripo e a prima conversavam e riam, colocando as sementes em uma mesma panelinha. Chegaram a uma matriz de olho-de-cabra, produtora de sementes vermelhas vistosas. Já debruçadas no chão, as três reclamavam que ali tinha poucas sementes. “Outro dia estava cheio”, disseram. Aquela era uma matriz *agatowo*, termo que elas traduziram como árvore “principal”. Por isso outras pessoas já tinham coletado as sementes que caíam. Geralmente, as árvores principais são aquelas que ficam nas trilhas principais, caminhos por onde passa muita gente. **Ser uma árvore principal significa que tanta gente passa por ela, que ela não pode ter um dono humano.** *Espíritos-donos*, claro, todas as árvores têm.

As matrizes principais também são aquelas que informam às pessoas sobre outras árvores da mesma espécie. Essa é a referência: **quando a principal floresce, é sinal de que as outras árvores – cada uma em seu lugar – também estão florescendo.** Quando caem as sementes da olho-de-cabra principal, os Ikpeng sabem que as sementes das olho-de-cabra devem estar caindo por toda parte. Sabendo disso, os Ikpeng rumam para coletar em lugares mais distantes, mais escondidos, onde há maior chance de encontrar sementes intocadas.

Isso significa que, entre os Ikpeng, as pessoas podem possuir **direitos de propriedade** sobre as matrizes que encontram, bastando apenas que ela não seja uma principal. Nesses casos, eles buscam marcar a matriz amarrando um pedaço de embira, corda ou plástico.



Mulheres de Arayo marcam a matriz com um saco de biscoitos preso a um galho

Isso é feito sobretudo quando as sementes ainda não estão totalmente maduras, mas prestes a cair, e a pessoa que a encontra pretende voltar depois para coletar. Assim, quem encontrar aquela matriz marcada saberá que ela já foi encontrada por outra pessoa. Espera-se, assim, que outra pessoa não colete suas sementes. Infelizmente, segundo as mulheres Yarang, estes sinais quase nunca são respeitados, algo que desagrada a todas. Mesmo assim, os Ikpeng marcam as matrizes quando veem que suas sementes estão às vésperas de cair. Não há, entretanto, nenhuma represália contra aqueles que burlam a regra da marcação.

O conhecimento sobre as matrizes, sobre os caminhos e sobre o mato é privado e pertence a cada núcleo familiar. Estes núcleos geralmente correspondem a um pequeno grupo de coleta. Além disso, procurar a matriz é uma parte importante da atividade de coleta, pois leva os Ikpeng para além dos espaços cotidianos. Geralmente, quem procura as matrizes são os homens, enquanto “caçam” – como vimos, caçar é um modo de dizer sobre um homem andando no mato. Quando perguntaram a Kuripo qual bicho os homens caçam, ela respondeu de pronto: “**não é bicho não! É semente!**”.

## COLETANDO EM PEQUENOS GRUPOS - DESEJO E ALEGRIA

**V**oltando à expedição “individual” de Makawa, Kuripo e sua prima, após coletar olho-de-cabra, as três avistaram uma matriz de copaíba. Chegando lá, porém, a copaíba não tinha caído, mas o chão estava repleto de umas frutinhas chamadas meirim. Kuripo contou que meirim já esteve na lista de pedidos da RSX, mas a semente, depois de coletada e limpa, não germinava. Kuripo também fez o teste. Coletou, beneficiou, plantou, mas, de fato, não cresceu; usou água quente para tirar a dormência da semente, mas nem assim a planta brotou. Por essa razão, meirim saiu da lista e não é mais coletada.

Apesar disso, as duas coletaram o meirim. Explicaram que, mesmo que não esteja na lista, as pessoas têm vontade de comer a frutinha – **colhem para matar o desejo**. Naquela expedição específica, sua vizinha, quando a viu rumando para o mato, “fez encomenda”, porque seus filhos gostam muito.

Na trilha de volta para casa, Kuripo e Makawa conversavam sobre nossa coleta. Makawa comentava que tinha coletado pouco, que estava triste, ao passo que Kuripo e a prima coletaram juntas, pegaram muito e estavam felizes. **A alegria em coletar em companhia de outra mulher e a quantidade bruta de sementes que alegres e juntas coletaram, garantiam o sucesso da expedição.**

Alegria não é, para as Ikpeng, um estado de relações harmoniosas e positivas com o mundo, um momento sublime, onde “a gente e a natureza feliz vivam sempre em comunhão”, para citar Caetano Veloso. Não é isso. Primeiro porque, **para viver, os Ikpeng precisam extrair à força a vida da floresta: manejar o ambiente muitas vezes desagrada os espíritos**. Além disso, é importante mencionar que muitos grupos indígenas apontam a alegria como a característica central de um corpo saudável<sup>6</sup>. Como vimos páginas atrás, ir à roça sem alegria é perigoso pois ofende o dono da mandioca. Ir à floresta sem alegria também o é. **Uma pessoa sem alegria está fracamente ligada à vida, está frágil e tem mais chances de adoecer.**

6 PISSOLATO, Elizabeth. 2007. *A Duração da Pessoa: Mobilidade, Parentesco e Xamanismo Mbya (Guarani)*. São Paulo: UNESP, ISA; Rio de Janeiro: NuTI

Como dizem os Ikpeng e muitos outros povos indígenas, **adoecer é já morrer um pouquinho**<sup>7</sup>. Makawa destacava que Kuripo e sua prima produziram não só sementes florestais que seriam trocadas por dinheiro e reflorestariam lugares desmatados. De fato, boa parte das sementes coletadas (lembremos do meirim) nem mesmo constava na lista. **As duas produziram também sua humanidade ikpeng, sua saúde, sua alegria.**

## A COLETA DE SEMENTES COMO ATIVIDADE TRADICIONAL

**O** manejo das espécies vegetais, a coleta de mudas, frutinhas e sementes sempre fez parte da vida ikpeng. Uma das atividades desenvolvida na festa de dez anos das Yarang foi uma caminhada pelos quintais e locais de plantio das mulheres ikpeng coletoras de sementes. Na ocasião, um dos quintais apresentados foi o de Kuripo, onde ela mostrou seus experimentos agroecológicos, o murici, o maracujá. Mostrou também muitos abacaxis enfileirados que protegem outras mudas das galinhas, funcionando como um tipo de cercado vegetal. Falando de seu quintal, Kuripo lembrou-se das experiências de sua infância, cerca de 25 anos atrás. Contou que, enquanto crescia, comia muita fruta, pois sua mãe sempre plantava mudas e sementes no quintal. Algumas delas, Makawa buscava no mato, outras ela trocava com indígenas de outras etnias.

**O manejo ambiental é parte importante do cotidiano ikpeng, cuja vida está altamente ligada à floresta.** Além disso, a alimentação ikpeng inclui muitos itens obtidos através da coleta na capoeira ou na floresta. Esses itens compõem sobretudo a dieta das crianças, como podemos ver no mito ikpeng da origem da roça. Nele, uma mulher grávida deseja comer cajus, mas não consegue, pois as crianças os comem todos assim que caem no chão. De fato, as frutas são em sua maioria coletadas por crianças, e aquelas que os adultos tiram serão destinadas prioritariamente aos pequenos. Muricis, goiabinhas, mamoninhas, meirins, estes e muitos outros frutos são considerados comidas de criança. **A coleta é, portanto,**

7 VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. 2009. **A morte como quase acontecimento.** Comunicação oral. Último acesso em outubro de 2019: <http://www.cpficultura.com.br/site/2009/10/16/integra-a-morte-como-quase-acontecimento-eduardo-viveiros-de-castro/>

uma atividade tradicional do povo ikpeng, pois é fundamental para a manutenção da vida, a alimentação e a vida ritual.

## PRODUZINDO JUNTAS AS SEMENTES

**E**m julho de 2019, Kuripo estava grávida, a barriga já grande e pesada. Por essa razão, ela não deveria abrir as vagens que envolvem a semente de copaíba, sob o risco de fazer mal para seu bebê. Conhecendo a proibição, Kuripo coletava as sementes fechadas na vagem ou aquelas que haviam se desprendido ao cair da árvore. Já em casa, ela teria de pedir que outra mulher beneficiasse para ela. Apesar do processo produtivo ser compartilhado com outra mulher, a semente em questão continuava sendo de Kuripo, ou seja, Kuripo é quem deveria entregá-la na Casa de Sementes e receber o dinheiro.

**Quando as Yarang usam a expressão “coletas individuais”, elas dizem, na verdade, de coletas em pequenos grupos.** Vender as sementes, por sua vez, é um ato individual. Ainda assim, quando Kuripo entregar as sementes de copaíba que coletou, por exemplo, parte do processo terá sido feito por outra mulher, provavelmente mãe, irmã ou filha. Grávida, Kuripo não poderia abrir as vagens da copaíba.

Em outra expedição “individual”, Kuripo disse que daria um pouquinho das suas sementes de copaíba para sua irmã. Kita, irmã de Kuripo, não tinha nenhuma semente de copaíba, o que a deixava desejosa. Ela tem uma filha de cerca de um ano, que ensaiava seus primeiros passos nos fundos de sua casa. Como a pequena ainda não ficava de pé sozinha – e **estar de pé, como vimos, é sinal da capacidade do corpo de resistência às doenças dos espíritos** – Kita não podia ir coletar, para não fazer mal à bebê.

Kuripo compartilharia suas sementes com Kita, pois, quando sua irmã a ouviu planejando a coleta de copaíba, ela desejou coletar também. A vontade de Kita, porém, não pode ser saciada: e, como veremos, **os desejos insatisfeitos são muito perigosos.** Além disso, Kuripo dá a semente para sua irmã desejosa, sem se importar com o valor pago pela RSX por aquela semente. No mesmo sentido, como Kuripo estava gestante, outra mulher beneficiaria suas sementes, mas isso não significava que elas iriam repartir o dinheiro gerado pela semente. A geração de renda é um fator que **influencia pouco** as atividades cotidianas de coleta “individual”.

## A VIDA EM COLETIVO

As coletas individuais na aldeia ikpeng parecem-se muito pouco com aquilo que, nas capitais do Brasil, é chamado individual. Por um lado, elas nunca estão totalmente sós. Por outro, elas dizem que a semente coletada pertence a quem a coletou, mas Kuripo coletava um pouquinho para a irmã desejosa e Makawa se oferecia para beneficiar as sementes que Kuripo, gestante, não podia tocar. Por fim, por estarem em pequenos grupos, as mulheres compartilham o caminho e ficam alegres – algo que não aconteceu com Makawa que coletou “sozinha”, calada e um pouco afastada de Kuripo e sua prima.

As relações entre as pessoas ikpeng moldam seus corpos. Os casos mais conhecidos são os do pós-parto: após o nascimento, os pais têm de tomar vários cuidados para não fazer mal ao bebê, pois o mal que afeta os pais se espalha naturalmente para o filho recém parido. Outro caso comum é o da doença, quando familiares próximos não devem comer certos alimentos para não fazer mal – não contaminar – ao doente. **As relações de troca e compartilhamento de comida, afeto e bens, conectam as pessoas em relação por um tipo de contágio.** Isso não significa, porém, que o mal se espalhe por todos igualmente. Os parentes mais próximos têm mais conexões corporais, os bebês e os doentes são mais vulneráveis.

Os Ikpeng não são individualistas, pois nas aldeias não há nada que um sujeito faça totalmente sozinho, sem influências de outros seres que habitam seu mundo. Mesmo nas coletas chamadas “individuais”, as Yarang estão em grupos, ainda que pequenos. Sozinhas, isto é, em grupos pequenos demais, as Yarang não andam longe. Andar longe, como vimos, é uma marca da masculinidade – quem anda longe, afirmam sempre, são os homens.

Em coletivo, isto é, em grupos que reúnem muitas mulheres de diferentes casas, porém, as Yarang andam, sim, longe. Tudo se passa como se, juntas em grandes grupos, o coletivo fosse **mais** que a soma de diferentes mulheres.



Mulheres Yarang

Seria justamente este “a mais” que as torna capazes de enfrentar os perigos do mato como fazem os homens. **Em grupos grandes as Yarang se empoderam:** entram fundo na mata e encaram os perigos da floresta.

## O DESEJO PELA SEMENTE

**V**oltemos à expedição “individual” de Makawa, Kuripo e sua prima, em busca de sementes de copaíba. Na ocasião, Kuripo disse que coletaria um pouquinho para sua irmã, Kita, pois esta **sentia desejo de semente** de copaíba que não podia coletar, pois os espíritos das matrizes poderiam fazer mal à sua filha pequena.

De fato, quase todas as expedições “individuais” de coleta têm como origem um “desejo por semente”. Era comum que outras mulheres de outros núcleos familiares vissem o grupo saindo para coletar ou retornando com os baldes cheios e por isso sentissem desejo de coletar também. Na manhã seguinte, elas iam, com seus próprios pequenos grupos. Os baldes cheios e a alegria contagiava aqueles que viam elas irem, voltarem ou falarem a respeito.

Numa tarde de julho, Kehesu foi coletar urucum. Vendo Kehesu, Makawa comentou que o urucum não está na lista das sementes coletadas para a RSX. Ainda assim, Kehesu e seu esposo foram coletar as sementes. Kuripo passou a imaginar as razões pelas quais Kehesu havia coletado urucum, fruto de semente vermelha usada para tingir o corpo e pintar alguns artesanatos.



Kehesu coleta urucum

Não havia festas ikpeng em vista, o que explicaria a produção da tinta. Ela devia estar se preparando para o Kuarup<sup>8</sup> de seus parentes alto-xinguanos, dizia Kuripo, um rito no qual os presentes devem enfeitar-se e dançar juntos.

No dia seguinte, Makawa foi logo cedo coletar urucum junto à sogra de Kuripo, isto é, da mãe do esposo de sua filha. A conversa do dia anterior a deixou com vontade de urucum, não no sentido de comê-lo, mas

---

8 Ritual alto-xinguanos de encerramento do luto pela morte de um grande chefe.

de coletá-lo. A coleta de Kehesu **despertou afetos em Makawa, contagiou-a**, e ela se apressou a saciar seu desejo, a coletar também a semente que a afetava. Uma coleta estimula outras, pois **o desejo pela semente se espalha por contágio** e ignorar os desejos é uma atitude imprudente. A consequência é que **toda coleta pode gerar um número infinito de outras coletas, realizadas por outros grupos pequenos**

## DESEJOS INSATISFEITOS

No final de julho, Kuripo tossia um pouco. Kawiago, o pai de Kuripo, **N**é pajé e a curou um pouquinho. Ele fumou, se comunicou com os espíritos e descobriu a causa. Kuripo estava doente devido à expedição de coleta que juntou ela, sua prima e Makawa. Naquele dia, lembremo-nos, ela coletou meirim para os filhos de sua vizinha.

Tal qual os filhos da vizinha, Kuripo gosta muito de meirim, mas este é proibido às mulheres gestantes. Aquele dia, então, ela coletou muito, mas não comeu nenhuma frutinha. Kuripo sentiu o desejo de comer meirim e esse desejo não satisfeito a tornou vulnerável aos espíritos. Como estava frágil, um deles lançou suas flechinhas minúsculas, a infectou e causou sua dor de garganta.

A doença de Kuripo, segundo seu pai, o pajé, tinha relação com as proibições alimentares e os **desejos não satisfeitos**. Desejosa, se Kuripo comesse o meirim, ela certamente faria mal ao bebê, pois o *espírito-dono* do meirim o atacaria, mesmo dentro de sua barriga. Se comesse o meirim para saciar seu desejo, Kuripo certamente faria mal ao bebê. Se não saciasse o desejo, Kuripo ficaria vulnerável, mas não necessariamente ela adoeceria. Entre o certo e o duvidoso, Kuripo escolheu proteger o seu filho.

Para se referir a esses fortes desejos por semente, Kuripo e sua família usavam muitas vezes a expressão “ficar doida”. Numa manhã, o pai de Kuripo saiu para ver se lobeira já estava caindo. Na volta, ele avisou a esposa e a filha que já era hora de coletar a lobeira. Kuripo logo disse: “Minha mãe está doida!” e depois completou **“está doida pela semente”**. Era comum que o desejo ardente por qualquer coisa fosse descrito em português como “estar doida”, como que dizendo de um desejo tão forte que desatina.

## AFINAL, QUEM SÃO AS MULHERES YARANG?

No Encontro Anual da RSX de 2019, foram entregues aos coletores presentes os certificados do Registro Nacional de Sementes e Mudanças (RENASEM), através do qual o Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento (MAPA) regula e credencia seus agentes<sup>9</sup>. Com cerca de 60 coletoras credenciadas, as Yarang foram um dos grupos coletores que mais recebeu certificados.



Oreme entrega os certificados RENAME em Moygu

Após o fim do encontro e de volta ao TIX, Oreme, técnico da RSX, organizou uma reunião em Moygu e outra em Arayo destinadas a entregar os certificados RENAME às coletoras. Em Moygu, após contar sobre a assembleia e as reuniões do Encontro Anual da RSX, Oreme iniciou a entrega dos certificados. Uma a uma, Oreme chamou as mulheres pelo nome de registro.

9 “O RENAME é o serviço pelo qual o MAPA concede a inscrição e o credenciamento aos agentes do Sistema Nacional de Sementes e Mudanças - RENAME, habilitando-os para exercer as atividades de: armazenador de sementes, beneficiador de sementes, comerciante de sementes e mudas, produtor de sementes, produtor de mudas, reembalador, certificador de produção própria, análise de sementes, análise de mudas, amostrador, entidade certificadora, responsável técnico e de laboratórios” SITE DO MAPA, 2019. Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento. Último acesso em outubro de 2019: <http://www.agricultura.gov.br/assuntos/insumos-agropecuarios/insumos-agricolas/sementes-e-mudas/registro-nacional-de-sementes-e-mudas-2013-renasem>

Aos poucos, ficou claro que o coletivo das Yarang, coletoras de sementes ikpeng, não era exatamente um grupo de mulheres ikpeng. Oreme chamou mulheres com o sobrenome Kawaiwete, povo tupi do baixo Xingu, mulheres com o sobrenome Wauja e Kuikuro, povo aruak e karib do alto Xingu. Chamou também Kawiago, homem, esposo de Makawa. Se o conjunto daquelas mulheres era Ikpeng, cada uma delas, fora do contexto das coletas em grandes grupos, definitivamente não o era.

Dito de outra forma, o movimento Yarang não é exatamente o que costumam chamar, nas grandes capitais do Brasil, de grupo ou de coletivo. Afinal, o que o senso comum espera de um grupo de mulheres ikpeng é que ele seja composto exclusivamente de mulheres ikpeng. Mas, como mostrei, este não é o caso das Yarang. As Yarang não são uma coleção de mulheres ikpeng. Ser Yarang não implica ser homem ou mulher, ser Kawaiwete ou Ikpeng. **Integrar o movimento Yarang é estar junto**, compartilhando a língua ikpeng, o espaço ikpeng, compartilhando o suco e as bolachas levadas ao centro para as reuniões, participando das expedições coletivas e integrando pequenos grupos de coleta.

## UM MODO FEMININO DE INTERAÇÃO COM A FLORESTA

**S**er Ikpeng é fazer parte das atividades cotidianas dos Ikpeng, na mesma medida em que ser Yarang é dedicar-se à coleta e ao manejo das sementes florestais. Yarang é o nome de uma espécie de formigas conhecidas por juntar sementes na floresta. As Yarang, formigas ou Ikpeng, trabalham sempre juntas. Cada coletora é uma mulher Yarang, mas juntas elas são mais que a simples soma de suas presenças. **Juntas as Yarang podem entrar na floresta densa.**

Se a caça é o modo masculino de relação dos Ikpeng com a floresta, **a coleta é, sem dúvida, o modo feminino dessa interação.** O trabalho de uma coletora ikpeng é muito maior que apenas coletar as sementes comercializadas pela RSX. Afinal, todas as mulheres podem ser coletoras, **assim como todos os homens podem ser caçadores. O que faz um Ikpeng ser um homem ou uma mulher, são suas atitudes.** Dentre elas, se destacam as

atividades de coleta e de caça, ou seja, as diferentes estratégias de relação com a floresta.

A coleta é uma atividade delicada e coletiva. É preciso ter atenção às pequenezas e aos *espíritos-donos*, para evitar o enfrentamento, ferindo o mínimo possível as relações com o mundo. O ideal seria coletar e caçar sem violar a floresta, sem ofender, nem desagradar aos *espíritos-donos* – mas isso é impossível. **A coleta evita ao máximo o enfrentamento com os seres não-humanos que habitam a floresta.**

A presença de um pajé – homem ou mulher – nas expedições coletivas ajuda nessa comunicação, pois estão atentos a qualquer sinal de insatisfação dos espíritos. Se as mulheres cantam enquanto coletam e os espíritos se sentem perturbados, os pajés dizem para elas se calarem. Se coletam em uma área que pertence a outro ser – humano ou não-humano – que não as quer ali, os pajés dizem que elas devem buscar outra matriz, mudando o local da coleta.

## RERE E YARANG

Quando as mulheres decidiram chamar seu grupo de coletoras de Yarang, os homens ikpeng de Moygu, Pavuru e Arayo decidiram se chamar de Rere. Rere significa morcego, que é um animal coletor. Ele colhe frutinhas e excreta sementes.

No cotidiano ikpeng os grupos Yarang e Rere provocam-se o tempo todo. Eles chamam uns aos outros de fracos e preguiçosos e tentam provar que trabalham mais duro que outro grupo. Esta disputa é marcada por muita alegria. Os Ikpeng dizem que o grupo Rere foi criado para animar as Yarang e que as Yarang também animam Rere. A provocação faz os dois grupos trabalharem mais e se divertirem com isso. A rivalidade entre eles, portanto, não pretende só “vencer”. O que se quer é, principalmente, provocar a revanche para que a brincadeira continue.

As conversas entre Rere e Yarang costumam ser assim: um provoca o outro e diz que ele não consegue trabalhar bastante, acordar cedo, “aguentar” as tarefas duras da vida ikpeng. Com a provocação, o outro grupo tenta acordar ainda mais cedo que de costume, carregar mais peso,

resistir mais tempo na mata. Os Ikpeng têm muito interesse nas rivalidades, pois elas animam a vida e não deixam ninguém se acomodar.

## A LISTA DO PEDIDO E A LISTA DE PREÇOS

Na RSX, o preço das sementes varia de acordo com o tempo de trabalho necessário para a produção de cada semente. Para a comunidade ikpeng, porém, a relação com cada espécie florestal seria mais importante para definir cada valor. Um bom exemplo é a semente de jatobá. Pesada e grande, fácil de coletar, a semente de jatobá vale pouco. Mas o jatobá é uma árvore muito importante para os Ikpeng. O jatobá tem *espírito-dono*, tem música, tem mito. Como pode a semente de uma planta tão importante ter valor tão pequeno em relação às outras?

Assim, para os Ikpeng, homens e mulheres, é difícil entender e memorizar o valor pago pela RSX por cada semente. Oreme, técnico da RSX, sempre fala nas reuniões os preços do quilo das sementes. O problema é que a lista é longa. A quantidade que cada coletora consegue entregar de cada espécie varia muito e converter o valor em quilos ao valor de poucas gramas não é uma operação tão simples.

Além disso, as mulheres Yarang não costumam ter a lista de preços, nem costumam saber estimar, por alto, o valor de cada semente. O valor total pago pelas sementes que elas entregam estimula as mulheres a coletar. Mas o preço de cada semente não influencia as decisões cotidianas da coleta, sobre quando, onde e quais espécies elas coletarão.

O preço é difícil de entender, mas as mulheres sabem de cor as espécies que constam na lista. Em pequenos ou grandes grupos, perto ou longe, as Yarang gostam de coletar o que está na lista. Kuripo costuma dizer que acha importante coletar todas as sementes presentes no pedido, mesmo as com preço menor. Para as Yarang, cumprir o pedido é tarefa de todas elas. Há uma **responsabilidade** importante no trabalho das mulheres coletoras, que complexifica a relação delas com a floresta.

Coletar (para a RSX) é preciso, tal como colher ou caçar (para se alimentar, fazer rituais, curar doenças) é preciso. Essas são atividades perigosas, mas necessárias. Cumprir o pedido garante que a relação com

a RSX continuará trazendo benefícios materiais e alegria para as aldeias, pelas camisetas, as ferramentas, os encontros, as festas e as reuniões.

A responsabilidade de cumprir o pedido é só uma parte da história. As coletas podem ser motivadas tanto pela responsabilidade de cumprir o pedido, quanto pelo **desejo pela semente**. O desejo e a necessidade podem se juntar como motivação da coleta, mas não são a mesma coisa. Afinal, se não cumprem a lista, elas ameaçam o fim do grupo de coletoras. Mas, se não matam o desejo, o perigo é de doença e morte. E para os Ikpeng, não há dúvidas de que o segundo é mais grave que o primeiro.

O fato de Kuripo coletar sementes para Kita e de Makawa beneficiar as sementes de Kuripo é interessante, pois isso não implica que a semente seja de todas aquelas que trabalharam em sua produção, nem que o dinheiro da semente será dividido entre elas. Quando Kuripo coleta para sua irmã, é para saciar o desejo de Kita. Ela também dizia que este desejo era causado pelo fato de Kita não ter nenhuma semente de copaíba. Esse ponto é importante, pois ele **move toda uma rede de trocas de sementes** entre as mulheres Yarang que não tem relação com a renda gerada pela venda das sementes. **Desejos devem ser saciados e, além disso, compartilhar é bom – por isso as mulheres trocam sementes.**

## CUMPRIR A LISTA

Nesse mesmo sentido, Kuripo me contou sobre a esposa de seu irmão, numa mulher kawaiwete da aldeia Ilha Grande, que é cadastrada como coletora Yarang. A mulher viveu em Moygu nos primeiros anos do casamento, quando entrou para o movimento das mulheres Yarang e passou a coletar sementes florestais para a RSX. Quando o casal se mudou para Ilha Grande, ela seguiu coletando por lá e enviando as sementes para serem entregues na Casa de Sementes, no Pavuru.

A floresta em Ilha Grande não é a mesma floresta de Moygu e as espécies que a cunhada kawaiwete de Kuripo consegue coletar em grande quantidade são distintas das espécies da aldeia ikpeng. Sendo assim, ela e Kuripo trocam sementes: Kuripo dá para a cunhada um pouquinho das espécies que são escassas em Ilha Grande e a cunhada dá para Kuripo um pouquinho daquelas sementes que Kuripo tem em baixa quantidade. Se Ilha

Grande tem muito cumaru e Moygu tem muita copaíba, ela dá um pouco das sementes de cá e a cunhada dá um pouco das sementes de lá. Além de saciar os desejos das duas, a troca de Kuripo e sua cunhada permite que a entrega delas contemple o máximo de espécies presentes no pedido.

Esse ponto é interessante pois demonstra que, para as Yarang, cumprir a lista de pedidos da RSX, é diferente daquilo que os não-indígenas da cidade costumam pensar. Afinal, do ponto de vista da RSX, pouco importaria que Kuripo entregasse apenas copaíba e sua cunhada entregasse apenas cumaru: a soma das sementes entregues é que conta para os brancos. Entretanto, não é isso que as Yarang entendem por cumprir a lista. Para elas, cada coletora tem a mesma responsabilidade e deve fazer o possível para entregar **uma miniatura da lista completa**. As quantidades não são levadas em conta, mas a entrega ideal é aquela que inclui todas as espécies pedidas.

As trocas, além de saciar os desejos, permitem que elas entreguem todas as espécies pedidas. Para elas, esse é o jeito certo de entregar. Como disse, as coletoras não procuram trocar as sementes para ganhar mais dinheiro. Elas trocam para que a entrega de cada uma delas seja o mais parecida possível com o pedido geral.

## BENEFICIANDO AS SEMENTES

**M**as se a entrega de cada mulher deve ser uma miniatura da versão da entrega total, o modo de coletar e beneficiar cada semente varia muito. As técnicas utilizadas são tão particulares quanto os locais de coleta. Lembremo-nos aqui que o conhecimento sobre a floresta é propriedade particular de cada família ikpeng. No mesmo sentido, **as técnicas de coleta e beneficiamento são particulares de cada mulher**.

Até Kita, Makawa e Kuripo, parentes próximas, tinham cada uma o seu próprio jeito de coletar e beneficiar as sementes. “Cada um tem seu conhecimento”, elas costumam dizer.

A variedade de modos de coletar e beneficiar as sementes é tão grande pois o objetivo das Yarang não é apenas coletar ou beneficiar da forma mais fácil ou mais rápida. A RSX constrói coletivamente o preço

das sementes pensando no tempo de trabalho necessário para produção de cada uma delas. Mas simplificar o trabalho e diminuir o tempo de produção não é o único objetivo das Yarang: o que importa é que cada uma delas possa criar, praticar e transformar seu modo particular de beneficiamento - e que as sementes fiquem bonitas e limpinhas.



Beneficiamento de sementes de cumaru







Parte 3  
**O XINGU NO  
BRASIL**  
ENTRE TROCAS  
E TENSÕES

## A VIDA NO PAVURU

**H**oje, no TIX, os Ikpeng conhecem bem o sistema capitalista e os Indígenas estão envolvidos, de diferentes formas, na produção e troca de produtos ou dinheiro. Ganhar, gastar e juntar dinheiro, porém, não são atividades que orientam o cotidiano da aldeia ikpeng. O foco maior está na produção dos alimentos, das relações com o cosmos e com os parentes. Ainda assim, todos os dias, ao acordar, os Ikpeng vestem roupas e sapatos industrializados, com exceção das crianças que muitas vezes vestem apenas cintos e colares de contas<sup>10</sup>. A maior parte dos Ikpeng dorme em redes vindas das cidades, amarradas por cordas industrializadas, com cobertores industrializados. Café, sal e açúcar estão sempre presentes. Arroz, frango, leite, bolachas e mistura são mais raros. Geralmente, quando alguém viaja e traz comida da cidade, ela dura apenas alguns dias.

Há também uma quantidade imensa de instrumentos: baldes, panelas, bacias, louças, talheres, vassouras, remos, faquinhãs e facões, todos de origem industrial. Sabões, escovas, produtos de higiene e beleza também são muito estimados e existem invariavelmente em todas as casas. Há também alguns bens maiores como televisores, geradores, barcos a motor, fogões, freezers e televisões. Além disso, é claro, quase todos os jovens da aldeia possuem telefones celulares modernos.



Criança em bicicleta

10 Mas até as crianças possuem roupas, vestidas em determinadas ocasiões.

A lista de bens da cidade é extensa e a dependência destes bens se intensifica pela proximidade da Coordenação Técnica Local da Funai responsável pela região do Médio TIX, chamada Pavuru. Ali, a cerca de 1 km de Moygu e Arayo, habitam alguns brancos e se concentram as institucionalidades: a infraestrutura da escola, da saúde, do Prev-Fogo, do Instituto Socioambiental (ISA), da Casa de Cultura Mawo, da Funai, da Rede de Sementes do Xingu e a pista de pouso, bem como um telefone público. Em 2019, foi instalado um sistema centralizado de placas solares no Pavuru e todos os dias é possível ver alguns indígenas diante de seus telefones, lutando por alguns bytes para navegar na internet.

## COMIDA PARA JUNTAR – REUNIÕES DENTRO DA ALDEIA

O cotidiano das coletoras também inclui outras atividades. Para ser membro da RSX, é preciso participar de reuniões e conversas coletivas, além das viagens, encontros e festas. Os eventos maiores contam com a participação de pelo menos algumas coletoras de sementes. A maior parte destas atividades estão ligadas às coisas dos brancos. Mas, para fazer cada uma dessas reuniões acontecer, primeiro é necessário juntar as pessoas no centro de cada aldeia. E numa aldeia grande como Moygu, isso não é tarefa fácil.

Para juntar as pessoas não basta informar sobre a reunião, explicando o dia e o horário. É possível combinar com antecedência, mas só isso não basta. Para uma reunião acontecer, a pessoa que deseja juntar todos deve oferecer comida para os presentes. Para participar de uma reunião as pessoas deixam de ir à roça, deixam de pescar, de preparar alimentos para a família. Mas não é só por isso que é preciso oferecer comida, afinal, em uma reunião de duração de apenas uma hora também é preciso distribuir alimentos.

Assim, para a reunião sobre a expedição coletiva organizada por Oreme e Kuripo, ela preparou café, pipoca e, logo cedo, rumou para a *mungnie*, uma casa de reuniões que fica no centro da aldeia. Enquanto caminhava com o grande bule de café nas mãos, Kuripo ia gritando, um a um, o nome das mulheres coletoras: “Walapa! Café!”, “Wage! Café!” e assim por diante.



Mulheres de Arayo se reúnem na casa do centro

Todas as reuniões são puxadas assim. Quando a comida é colocada no centro, as pessoas correm para devorar os alimentos, seja bolacha, café, granola, suco, frango, peixe ou perereba (nome de um delicioso mingau doce de mandioca). Não é fome o que os faz comer assim, rápido e em excesso. Mulheres e crianças se atropelam por bolachas e granola a qualquer hora do dia e enchem grandes bacias de arroz, mesmo logo depois de fazer uma refeição.

## UM SONHO RUIM

Um certo dia, Makawa me contou que na noite anterior seu marido teve um sonho: sonhou que as Yarang (as coletoras, não as formigas) estavam no mato e coletavam com fome. A fome desagrada os espíritos e deixa as mulheres frágeis, feito quando sentem desejos que não podem satisfazer. Além disso, a fome do sonho era ainda mais séria, pois era a fome de um grupo, de um coletivo, que junto é mais que apenas uma coleção de pessoas.

Kawiago, o marido de Makawa, é pajé, como já vimos. Um sonho ruim informa o sonhador sobre algo que *pode* se passar no futuro. Não há garantias de que um sonho vai se realizar, mas seria tolo aquele que não se precavesse. Por isso, quando sonham com cobras, por exemplo, os Ikpeng não vão no mato.

Qualquer pessoa pode ter um desses sonhos, mas a questão se torna ainda mais séria quando o sonhador é um pajé, como era o caso do marido de Makawa. Sendo assim, logo que seu marido contou sobre seu sonho ruim, Makawa correu para a roça, para buscar mandioca doce. Depois de ralar e preparar perereba, Makawa levou o mingau ao centro da aldeia, convidando todas as mulheres coletoras de sementes para a refeição. As mulheres foram, sem demora e tomaram o mingau: **comendo juntas elas ficaram felizes**. Com isso, Makawa evitou o pior.

Os Ikpeng ofertam comida no centro para alegrar as pessoas que concordaram em participar da reunião. A intenção não é compensar o tempo tomado pelo evento, nem garantir que as pessoas possam comer mesmo sem pescar, colher e roçar. Na aldeia Moygu, qualquer pessoa, indígena ou não-indígena, que deseja juntar pessoas deve ofertar comida para os presentes.

No mundo da cidade grande, em uma palestra, uma aula ou uma reunião, tudo se passa como se apenas os palestrantes tivessem um papel importante. Existe inclusive, muitas ocasiões em que as pessoas pagam para assistir a palestras e cursos, shows, encontros ou outros tipos de aglomerações. Nas aldeias grandes do povo ikpeng, por sua vez, o que parece acontecer é o oposto. O desafio maior é juntar o público, cuja presença é fundamental para o encontro funcionar. Por isso, **quem deseja falar, ou mesmo a família de quem deseja falar, é quem deve “pagar” aos presentes.**

## RECONHECIMENTO NA CIDADE E NA ALDEIA

**C**omo porta voz da RSX nas aldeias ikpeng próximas ao Pavuru, Oreme precisa juntar as mulheres com alguma frequência. O problema é que Oreme não tem como oferecer comida todas as vezes. Uma pessoa que consegue convocar reuniões e mutirões ou que ocupa um

papel importante nos rituais é considerada uma liderança importante, isto é, uma pessoa de prestígio.

Oreme é homem jovem. Tanto seu pai quanto sua mãe ocupam posições de destaque na aldeia ikpeng. Ele também é respeitado na comunidade pelo seu trabalho na RSX. O envolvimento com a RSX ajudou Oreme a viajar, fazer contatos e alcançar conhecimentos. Além disso, ele tem muitos seguidores nas redes sociais e seus contatos já o convidaram para dar palestras em diferentes estados. Oreme também tem uma relação bastante próxima com o cacique Melobo e costuma consultá-lo antes de tomar decisões que afetem a todos. Tudo isso faz com que ele tenha algum respeito na comunidade, mas não dá a ele prestígio. **O prestígio tem raízes tradicionais.** E sem comida para oferecer, juntar as pessoas no centro é uma tarefa um tanto desafiadora.



Oreme trabalha na Casa de Sementes

As pessoas que ocupam posições de prestígio na aldeia ikpeng conseguem juntar parentes e vizinhos para produzir os alimentos que vão ser ofertados no centro nas atividades coletivas. Sendo assim, dizer que é preciso comida e prestígio é apenas separar questões que precisam andar juntas para um encontro acontecer.

## QUEM NÃO TEM PRESTÍGIO PEDE AJUDA PARA QUEM TEM

No final de julho, alguns professores e membros da Associação Ikpeng tentaram puxar uma reunião em Moygu. No dia anterior, eles avisaram a todos, dizendo que a reunião iria acontecer na *mungnie*, a casa do centro da aldeia, às 8h da manhã. Kuripo acordou com o dia ainda escuro. Às 8h, Kuripo espiou pela porta da frente e viu o centro vazio e, por isso, não foi até lá. “Vai atrasar”, ela disse. Os professores e membros da associação estavam, sim, no centro da aldeia, o que faltava era o público. Às 11h, Kuripo olhou outra vez pela porta da frente: “está vendo? **Para fazer reunião, tem que levar comida no centro.** Senão, ninguém vai”. De fato, foi apenas quando algum parente dos rapazes resolveu colaborar levando uma panela grande de arroz cozido ao centro que as pessoas começaram a rumar para a *mungnie*.

Já na reunião sobre a expedição de coleta coletiva, Kuripo levou comida e as mulheres apareceram sem demora. Outros fatores contribuíram também para que a reunião fosse bem-sucedida. Oreme tinha já uma estratégia: sabendo que sua voz não bastaria, quando ele precisava juntar as mulheres, pedia à sua mãe ou à Magaro, sua tia, que convocasse as mulheres para ele.

Daí, tudo parecia ser mais simples: a mãe e a tia de Oreme são mulheres de prestígio, importantes lideranças femininas. Quando a voz delas ecoava na aldeia, as mulheres iam logo saindo de suas casas. Era exatamente assim que faziam: a mãe ou a tia caminhava de sua casa até a casa do centro gritando palavras que convocavam as mulheres a deixarem suas casas e se juntarem no centro. **Um coletivo só pode existir se for convocado.**

## JUNTAR AS PESSOAS EM ARAYO

Em Arayo, as coisas aconteciam de maneira mais simples. Arayo é uma aldeia menor, possui 68 habitantes, em contraste com as 344 pessoas que vivem Moygu. Em Arayo, antes das reuniões da RSX, Oreme costumava dar a volta na aldeia pelos fundos das casas, convidando as pessoas pessoalmente e marcando o dia e horário na casa do centro. O pequeno número

de casas facilitava a tarefa, mas acredito que a questão não era apenas de facilidade, mas de **etiqueta adequada ao convite**. Outro fator que tornava a tarefa mais simples era o fato de que as mulheres passavam as tardes reunidas na casa do centro. Pela manhã, geralmente elas vão à roça, ralam e lavam a mandioca nos fundos das casas, coletam nas proximidades de onde moram. À tarde, porém, elas se reúnem na *mungie* de Arayo, conversam e fazem artesanato juntas.



Mulheres de Arayo

Como as formigas, as mulheres de Arayo estão sempre juntas. Em Moygu, o artesanato é feito entre parentas, que também são vizinhas, no fundo das casas. Em Arayo uma atividade de parentas concentra já a maior parte dos núcleos familiares, razão pela qual é realizada no centro.

Em julho de 2019, em uma reunião na aldeia Arayo, uma das mulheres pediu que seu filho mais velho pescasse e, ao final da reunião, todas elas avançaram sobre o peixe, o beiju e a pimenta — feito as mulheres em Moygu avançaram sobre o café e a pipoca. A oferta de alimento não era condição da reunião, mas alegrava e envolvia as mulheres na conversa. **A partilha de alimento é uma forma de produzir relações de proximidade entre as pessoas, as mulheres se aproximavam comendo juntas ali**

na *mungie*. Mais do que isso, a felicidade é fundamental para a saúde das pessoas e comer juntas, como vimos na reunião puxada por Makawa, as deixa contentes. De nada serve uma reunião cujos participantes estão desgostosos de estar ali e a comida ofertada garante a alegria.

## PROBLEMAS DE TRADUÇÃO

No Encontro Anual e Assembleia Geral da Associação Rede de Sementes do Xingu, algumas mulheres ikpeng representaram o Movimento de Mulheres Yarang. Quando a Assembleia começou, as Yarang estavam sentadas juntas na sala lotada. Um dos funcionários da Rede apresentava em um gráfico o histórico da RSX de 2008 a 2018, comparando a encomenda e o potencial da coleta de sementes de cada ano em porcentagens. As porcentagens são bastante complexas e as mulheres ikpeng entendiam pouco do gráfico apresentado. Afinal, elas já eram avós e nunca tinham frequentado a escola. Elas também não entendiam ou falavam bem a língua portuguesa.



Encontro Anual da Rede de Sementes do Xingu em 2019

A situação parecia ser a mesma com os outros grupos coletores, indígenas e não-indígenas. No TIX, quase todos os professores nas escolas são homens e também há mais homens que mulheres matriculados em escolas. Como consequência, poucas mulheres se colocam como lideranças frente aos brancos ou ocupam cargos assalariados nas aldeias. Entretanto, na Rede de Sementes do Xingu, mais de 60% dos coletores são mulheres, a maioria já avós e com baixa escolaridade. Por tudo isso, foram cedidos alguns minutos para que as explicações fossem traduzidas nas línguas nativas dos povos indígenas presentes e num linguajar mais simples para os coletores não-indígenas.

Oreme explicava na língua nativa o gráfico tão complicado em poucos minutos. É que “traduzir” o que era dito não fazia muito sentido: Oreme então buscava transmitir a ideia central do gráfico para as mulheres ikpeng que o escutavam. **Sua tradução nada tinha de literal**, pois a tarefa que lhe cabia era a de comunicar para as mulheres o que se debatia na ocasião. A tarefa de traduzir uma ideia de uma língua à outra, com ideias e mundos não distintos, não poderia ser resolvida em 5 minutos. Afinal, aquele não era apenas um problema de tradução, mas um problema de comunicação: a linguagem técnica apresentada não parecia se encaixar na realidade dos coletores e por isso falhava em lhes passar as informações.

## GASOLINA PARA JUNTAR – REUNIÕES FORA DA ALDEIA

**N**a reunião na aldeia Moygu para combinar a expedição coletiva, aconteceu algo interessante. Quando Oreme mencionou que havia alguns litros de gasolina para elas realizarem uma expedição coletiva, as Yarang começaram a aplaudir. Não havia mais pipoca nem café, tudo já tinha sido devorado, mas a palavra gasolina reacendeu nelas a alegria de estarem juntas.

As coletas individuais, ainda que ocorram em pequenos grupos, são muito diferentes das grandes expedições. O nome Yarang designa o caráter coletivo das formigas e das mulheres coletoras. **A gasolina é uma ferramenta poderosa para juntar o grupo de coletoras ikpeng.** Juntas, em grandes grupos, as mulheres se alegram mais e se transformam em um grupo mais

forte e poderoso que a soma destas mulheres. A gasolina era um passaporte para esse modo poderoso, alegre e coletivo das mulheres Yarang. Por isso elas aplaudiam.



Barco a motor aporta na beira do rio

Assim como a comida distribuída no centro da aldeia, a gasolina reúne as pessoas, produzindo corpos saudáveis e resistentes aos perigos da floresta. Porém, tudo isto só é possível quando a gasolina não tem um dono individual. As gasolinas particulares movem o gerador que acendem as televisões, exibem o jogo de futebol, o jornal e a novela, carregam os telefones e as lanternas. Já a gasolina para Yarang só podia ser usada para fazer expedições coletivas. Diante do informe sobre a gasolina que tinham, nenhuma pessoa abordou Oreme solicitando gasolinas individuais para coletas individuais. **As mulheres ficaram alegres por poderem estar juntas no Movimento Yarang de coletoras de sementes.**

## GASOLINA NA MEDIDA CERTA

**Q**uando distribuídas entre as pessoas, a gasolina passa a circular apenas entre parentes. A família de Kuripo, por exemplo, está abrindo uma nova aldeia. Ao todo, os habitantes de 4 casas de Moygu, todos parentes, se transferirão para Kururé, a aldeia nova. Tapampo e Payawo, seu filho mais velho, contavam, animados, sobre a abundância de recursos naturais

da aldeia nova. “É mata virgem!” diziam. Falavam da caça, das matrizes florestais, da roça, tudo isso muito próximo de onde ficará o assentamento circular que pretendem construir. Com alguma frequência, alguns dos futuros moradores vão à região. Voltam sempre cheios de peixe moqueado, de polvilho – a roça de mandioca já foi plantada – alegres e satisfeitos.

Estas expedições “individuais”, isto é, que reúnem apenas parentes próximos, também acontecem na pesca com timbó e nas expedições para extrair materiais para a construção de casas ou para a produção de artesanatos. Recém-chegado da cidade, abastecido de gasolina, Kapiuka levou Kawiago, o pajé, para coletar as folhas cheirosas com que ele enrola seus cigarros. Kapiuka disse que foi caçar, saiu com a espingarda cruzando-lhe as costas: não pegou nada, porém. A viagem foi feita com sua gasolina particular.

**Gasolina particular se distribui apenas entre os parentes.** Sem que se juntem, as mulheres ikpeng não têm força o bastante para entrar no mato sozinhas, nem para se reunirem com alegria.

## **PARA JUNTAR UM COLETIVO, NÃO BASTA A GASOLINA**

Um dia antes da expedição coletiva de coleta das mulheres de Moygu, já à noite, Kuripo perguntou a Oreme se ele havia separado a gasolina para a expedição e quem era o barqueiro que levaria as mulheres. Oreme explicou que as questões logísticas são definidas pelas próprias mulheres.

Kuripo então pediu a Makawa, sua mãe, líder do Movimento, que fosse até o centro para ajustar os “últimos detalhes” da expedição. Detalhes importantíssimos, pois, sem gasolina e barqueiro, não haveria expedição. Ela foi sozinha e conversou com Magaro, outra liderança de Moygu, a quem Makawa chama “sua vice”.

Magaro não estava presente na reunião em que combinaram a expedição do dia seguinte, pois estava coletando com as parentas de Arayo. Conversando com Magaro, tudo foi resolvido. **A gasolina sozinha não faz expedição coletiva:** é preciso que alguma liderança transforme a gasolina em expedição, para que a expedição transforme as mulheres no Movimento Yarang.

## DO CELULAR À SEMENTE

**D**urante o mês de julho, era comum que os homens usassem o barco das Yarang para extrair madeira, para construção de casas, da mata virgem que se erige a alguns quilômetros dali. Nessas ocasiões, muitas vezes algumas mulheres acompanhavam seus maridos, levando as crianças inclusive: enquanto ele busca madeira, ela busca matrizes; enquanto ele derruba as árvores escolhidas, ela coleta sementes florestais. Esse tinha sido o caso com as filhas de Melobo, que, dias atrás, tinham saído numa expedição de barco para buscar materiais para a construção da casa e aproveitaram para coletar copaíba, olho de cabra e lobeira.

Nos fundos da casa, as três filhas de Melobo estavam sentadas no chão. Em torno delas, havia cerca de dez crianças todas com no máximo cinco anos. As mais velhas limpavam as sementes concentradas; as menores brincavam, molhavam as bacias e as outras crianças, misturavam pedrinhas, matinhos e sementes, atrapalhando a ordem da atividade. Nas aldeias, é assim o beneficiamento: **mulheres e crianças de diferentes idades, juntas, trabalhando e cuidando umas das outras.**



Mulheres e crianças beneficiam sementes

Desde 2014, no Brasil e no Xingu, os *smartphones* têm se popularizado, tornando-se mais baratos e acessíveis<sup>11</sup>. Chegam às aldeias com alguma dificuldade, mas, pouco a pouco, vão se espalhando Xingu adentro. Atualmente, nas aldeias ikpeng, já é possível encontrar crianças indígenas deitadas na rede sozinhas ou aos pares, diante da tela luminosa de algum desenho, filme ou jogo.

**As atividades de beneficiamento vão na contramão desta tendência, pois costumam as gerações e intensificam o senso de cuidado mútuo.** Repti, uma das filhas do grande cacique Melobo, explicou-me: “são as crianças que trabalham, nós ficamos só olhando. Você viu quanta criança tem aqui? São elas que fazem tudo”.

## O DINHEIRINHO DA SEMENTE

**P**omta, outra filha de Melobo, contou que quando um de seus filhos pequenos encontra alguma semente no chão, ele a coleta e entrega para a mãe dizendo: “Mãe, toma para você comprar calcinha”. Muitas mulheres ikpeng destacam a calcinha ao dizer sobre o que elas compram com o “dinheirinho” das sementes. **O dinheiro é pequeno, mas, sendo da semente, pertence às mulheres e é isto que o torna tão especial, pois serve para adquirir coisas e suprir necessidades que outros dinheiros dificilmente suprirão. Comprar calcinha, então, é uma forma de marcar que são as mulheres quem decidem o que fazer com esse dinheiro.** Mostra também que as mulheres costumam comprar coisas menores.

---

11 LEITE, Letícia. 2017. *Juventude Indígena Conectada: narrativas da nova geração do Território Indígena do Xingu*. Dissertação de mestrado. Centro de Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Brasília.



Mulheres com crianças

Essa é, inclusive, uma fonte de frequentes discussões entre os homens e as mulheres nas reuniões das aldeias. Dentro de casa, os homens parecem aceitar as decisões de suas esposas sobre como gastar o dinheiro. Nas reuniões públicas, especialmente naquelas realizadas no centro da aldeia, entre os próprios Ikpeng. Porém, eles muitas vezes reclamam que “as mulheres não sabem gastar”, pois elas não gastam da mesma forma que eles. Nesses momentos, os homens dizem que as mulheres deveriam comprar coisas grandes: balsa, trator, barco, motor. Dizem também que o dinheiro de cada mulher é pouco, mas, se elas juntassem, viraria dinheiro grande e daria para comprar coisas grandes também.

## UM JEITO FEMININO DE GASTAR DINHEIRO

**A** pesar das reclamações dos homens, as mulheres preferem seu próprio jeito de ganhar e de gastar o dinheiro. No dia do pagamento, cada mulher leva o seu dinheirinho da semente. Com ele é possível comprar as coisas pequenas, que os homens dizem que são menos necessárias, menos importantes que as grandes coisas que eles compram. Com o dinheiri-

nho da semente, as mulheres não compram gasolina, compram calcinhas, escovas, baldes, roupas, itens menores, mas importantes, ligados às necessidades do dia-a-dia.

Um dinheiro de mulher é uma novidade na vida ikpeng e cria **uma nova rede de circulação de bens**. Quando os Ikpeng foram transferidos para o TIX, eles já tinham sofrido bastante com o contato com os brancos na região do Jatobá. Isso permitiu que alguns indígenas ikpeng aprendessem a falar o português antes dos outros povos do TIX e que pudesse trocar com os brancos do entorno alguns bens. Nas trocas com os xinguanos, os Ikpeng costumavam oferecer objetos industrializados, vindos da cidade, e receber em troca objetos artesanais, produzidos nas aldeias. Esse é o modo geral como acontecem as trocas até hoje.

As mulheres alto-xinguanas gostam muito de trocar seus objetos artesanais pelos vestidos e chinelos que as Yarang compram com o dinheiro da semente. Desse modo, a coleta é importante não só para as mulheres Yarang, mas também para as trocas com as alto-xinguanas.

O dinheiro da semente surgiu na vida das Yarang quando já existiam muitas ocupações assalariadas na aldeia. Merendeiro, professores, agentes indígenas de saúde e de saneamento, técnico da ARSX e mesmo um funcionário da Assistência Social da Prefeitura de Feliz Natal recebem seus salários regularmente. Todos os funcionários ikpeng são homens e o dinheiro que recebem é muito maior que o dinheiro da semente. Além disso, os salários são pagos mensalmente, mas as Yarang recebem uma única vez no ano. Por essas razões, **o dinheiro recebido pela coleta não muda muito as relações na aldeia**.

## FOCOS DE TENSÃO

**S**eria incorreto afirmar, porém, que a participação na RSX não traz nenhum impacto para as relações entre homens e mulheres nas aldeias ikpeng. Há sim impactos importantes, mas os mais fortes não têm a ver com o dinheiro que as mulheres ganham. O **maior foco de tensão acontece porque as mulheres possuem um conhecimento**, teórico e prático, sobre a coleta e venda das sementes florestais através da RSX. Um conhecimento que os homens não têm.

Certa manhã, Kawiago dizia para Makawa e Kuripo que deveriam mudar o lugar onde elas pretendiam coletar jatobá naquela tarde. Ele dizia que, no outro ano, elas já haviam coletado muito jatobá, que não precisava mais e que deviam buscar outra semente. Kuripo explicava para seu pai que as sementes podem ser armazenadas na Casa de Sementes, de modo que a coleta não seria perdida. Explicava também que, no próximo pedido, ela receberia o valor referente àquela semente.

A querela chegou ao fim quando Kawiago foi embora contrariado. “Ele não entende sobre a coleta de semente, não entende como se dá a entrega e o pagamento”, falou Kuripo. As Yarang dizem que seu trabalho é cumprir da lista e entregar as sementes limpas e bonitas e que é por isso que cada uma delas recebe. A coleta da semente é uma responsabilidade, mas também envolve desejos. **Sendo assim, a coleta de sementes florestais é bastante diferente de um trabalho assalariado que serve principalmente para gerar dinheiro.**





**Parte 4**  
**A REDE DE**  
**SEMENTES**  
**DO XINGU**  
**EFEITOS, FORÇAS E**  
**TRANSFORMAÇÕES**

nto  
eres  
ang

## EXPEDIÇÃO COLETIVA EM MOYGU

**A**s expedições coletivas de coleta de sementes florestais são momentos importantes na vida ikpeng. Estas expedições são muito diferentes das coletas em pequenos grupos familiares. A diferença não é só o tamanho do grupo: **nas expedições coletivas as mulheres se empoderam** e transformam suas relações com a floresta e o território. Sozinhas as mulheres não entram fundo na floresta. **Juntas, no mato, elas transformam seus corpos, produzem memória e passam seus conhecimentos para as próximas gerações.**

No final de julho de 2019, as mulheres de Moygu fizeram uma expedição de coleta coletiva. Partiram em dois barcos, por volta das 8 da manhã. Algumas mulheres pintaram padrões alto xinguanos nos braços e no rosto. Muitas usavam colares de muitas voltas de miçangas. Algumas usavam também colares de caramujo, símbolo dos chefes indígenas do Alto Xingu. A beleza das pinturas e dos colares expressava a alegria da ocasião. Quase todas elas usavam a camiseta vermelha com a logo da festa das Yarang e nos dois barcos havia mulheres e crianças de todas as idades.

Ao chegar, as mulheres seguiram uma trilha estreita até uma clareira. Dali em diante, não havia mais trilhas. Entraram animadas na mata fechada. Logo o grupo se dividiu em dois, cada um acompanhando um homem, que guiava o grupo. Os homens procuravam as matrizes. Quando chegavam a uma matriz, as mulheres se punham no chão, enchendo os seus baldes com as sementes de copaíba. Tapampo, marido de Kuripo, liderava o grupo, mas coletava também.

Além dos homens que guiavam cada um dos grupos “caçando” a semente, havia um terceiro homem que ficou no barco para pescar a refeição do final da tarde. No começo da coleta, as mulheres conversavam alto, rindo e fazendo piadas em língua indígena. Uma mulher disse que sua sogra “**só queria saber de semente**”. Elas saíam para coletar e a moça dizia à sogra: “Vamos embora, sogra, tem carrapato, tem pernilongo”. Mas ela não queria saber, só pensava em semente. O desejo pela semente, as fofocas da aldeia e as conversas ouvidas no rádio eram temas que surgiam com muita força naquela ocasião. Os dois grupos de mulheres se comunicavam gritando na mata fechada.

Logo, os dois grupos pararam de se comunicar por gritos. Todas as mulheres baixaram o volume das conversas, sem sufocar de todo, porém, a alegria que as conduzia. Elas costumam cantar durante as coletas, mas foram instruídas a não fazer muito barulho. A instrução viera dos pajés que as acompanhavam. No grupo de 30 pessoas, havia três pajés: dois homens e uma mulher. Os três eram responsáveis por se comunicarem com a floresta. Cerca de uma hora depois da chegada, um pássaro cantou, falando às mulheres Yarang, e os pajés escutaram.

O pássaro era um *espírito-dono* da floresta. Segundo disseram os pajés, o pássaro (isto é, o espírito) estava desagradado com a presença das Yarang. Por isso, elas passaram a falar mais baixo e não cantaram durante a coleta. Não queriam fazer barulho demais, incomodar demais os espíritos. A vida ikpeng se dá sempre na busca por essa medida ideal entre incomodar a floresta e conseguir tirar o próprio sustento. **Caçar, pescar, roçar ou coletar podem sempre desagradar os espíritos-donos. Como é impossível viver sem as atividades de manejo, o objetivo parece ser buscar a medida ideal para cada ação.**

## HORA DE PARTIR

**A**lgumas horas depois, as Yarang retornaram para a clareira. Elas reclamavam por não terem trazido suas redes para acampar. Havia muita semente, elas queriam ficar ali por mais dois ou três dias para coletar mais. O desejo da semente havia deixado elas “doidas”, “doidas pela semente”. Falavam apenas na língua ikpeng. De volta à clareira, as mulheres aguardavam a chegada do pescador. Elas voltaram a falar alto, gesticulando e gargalhando. Como iriam embora logo em seguida, não havia por que se preocupar.

Os homens construíram os jiraus. Quando o pescador chegou, as mulheres avançaram sobre os peixes. Primeiro, jogaram-nos nos jiraus, logo, passaram a colocá-los direto na brasa. Pouquíssimos minutos depois, algumas já estavam comendo. A carne não estava de todo assada, o meio ainda estava transparente. As mulheres devoravam os peixes antes mesmo deles assarem.



Yarang e um girau montado no mato

Antes de voltarmos, a pajé que nos acompanhava deixou um pedaço de peixe e beiju no jirau para os espíritos da floresta, um tipo de oferenda. Já de volta ao barco, na beira viam-se árvores carregadas de sementes de tento do rio. As mulheres se animavam, comentavam e apontavam. Havia muita semente, era preciso marcar outra expedição, elas diziam entre si. Não havia dúvidas: **a semente deixa as mulheres “doidas”, enche-as de desejo e de animação.**

## EXPEDIÇÃO COLETIVA EM ARAYO

**A** expedição coletiva em Arayo aconteceu depois da expedição de Moygu. Eram muitas mulheres de todas as idades, algumas estavam pintadas e trajavam colares de contas ou caramujos, de modo similar ao que as mulheres de Moygu saíram para coletar. Ao vê-las entrarem no barco vestindo as camisetas da festa de 10 anos do Movimento Yarang, um homem branco que estava por ali perguntou: “é festa?”. Quem respondeu foi Koré, uma das líderes do Movimento: “Alegria, alegria!” Ela explicou bem: **a coleta coletiva produz um corpo forte, alegre e saudável, preparado para vencer os perigos da floresta.**

O barco se afastou aos poucos da beira, sob os olhos curiosos do homem branco. Na expedição com Arayo, não foi nenhum pajé. Uma mulher adulta, já mãe e avó, explicou: “Nós vamos com o nosso pai” – e apontou o dedo para o céu. Depois, completou: “Todos nós vamos na igreja. Lá embaixo, no Barranco Alto”. Os indígenas de Arayo gostam de ir aos cultos evangélicos e afirmam que não têm pajés, porque deus está com elas.

Logo que desceram do barco, as mulheres se animaram. Wanketxi disse: “*Wankiat* está cantando, está alegre”. Ela se referia a um pássaro. *Wankiat* não era um espírito, dizia, era um pássaro mesmo. “Quando está bravo, canta grosso, mas ele está cantando alegre”. Wanketxi acreditava em deus, ia à igreja e também lia os sinais da floresta e o canto dos pássaros durante a expedição.

As mulheres entraram em fila indiana no mato e, assim que encontraram uma matriz de copaíba, esparramaram-se no chão e se puseram a coletar. Eram cerca de dez mulheres adultas e onze crianças de até quinze anos, quatro delas ainda bem pequenas.

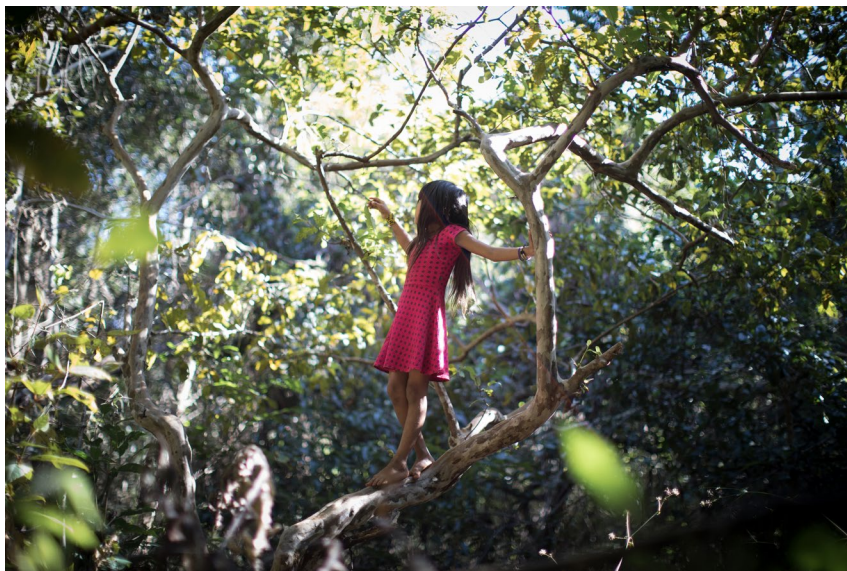


Mulheres da aldeia Arayo coletando sementes em expedição

De repente, num relance, as mulheres começaram a correr e subiram depressa em árvores. Um grupo de porcos-do-mato vinha na direção delas! As crianças, nos galhos do topo, choravam. As mulheres mais jovens subiram alto nas árvores. As mais velhas subiram bem pouco, não o suficiente para garantir sua segurança. Remiru e Ayaneku esbarraram em uma casa de marimbondos e levaram muitas picadas no topo da árvore.

Finalmente, um homem deu um sinal dizendo que já podiam descer. Os porcos haviam mudado de direção. Amedrontadas, todas desceram. As coletoras de Arayo têm uma **íntima relação com a floresta** e se comunicam com ela. Ainda que não tivessem levado um pajé para se comunicar com os espíritos, qualquer indígena é capaz de perceber uma situação muito arriscada. A floresta é perigosa. Menos de cinco minutos depois da fuga dos porcos-do-mato, porém, estavam todas outra vez atiradas no chão a coletar sementes.

A expedição seguiu e elas encontraram mais uma matriz de copaíba. As crianças subiam nos galhos mais baixos, chacoalhavam-no e as sementes caíam.



Criança sobe na árvore enquanto mulheres coletam de sementes

As mulheres se sentavam ou se deitavam no chão. Em poucos instantes, elas se levantaram assustadas, outra vez e se juntaram diante de uma das raízes da matriz, gritando na língua: “Cobra! Cobra!” Minutos depois, apareceu um homem e começou a cutucar o local com uma vara comprida. Cutucou, cutucou, bateu nas raízes com o facão. Sem sucesso, o homem se afastou, e as Yarang num minuto já estavam sentadas vasculhando o chão em busca de sementes.

Foi então que Ayaneku falou: “Tem bicho aqui. Não é espírito não. Bicho mesmo. Cobra venenosa. Tem arrepio” – e mostrou seu braço, com os pelos arrepiados. “É bicho que tem aqui. Nós vamos embora.” As mulheres coletoras de Arayo diziam que não existiam espíritos e não tinham pajés porque iam para a floresta com deus. Naquele espaço, **a comunicação que elas estabeleciam com a floresta as guiava.** Os bichos perigosos mostravam-se ali através dos arrepios de Ayaneku, deixando claro que não estavam satisfeitos com a presença das Yarang.

## MUITO MAIS QUE COLETAR SEMENTES

**D**e volta à beira do rio, o pescador já montava os jiraus e trazia os peixes. Elas comeram às pressas, tão alvoroçadas quanto as mulheres de Moygu, e retornamos para o barco. Pararam algumas vezes para coletar tento do rio. Os homens subiam nas árvores e cortavam grandes galhos com o facão. Os galhos despencavam e eram depenados pelas mulheres e crianças.

Finalmente, o barco rumou para a aldeia. No caminho, uma mulher apontou para a beira do rio e se pôs a rir, descontroladamente. O riso foi contagiante, todas elas gargalhavam. “Ela está rindo porque ali nós subimos na árvore, lembra?”, Wanketxi se referia ao caso em que fugiram dos porcos-do-mato. A moça apontava para a beira onde eles correram atrás delas. “Já virou história”, concluiu Wanketxi, já recuperada das gargalhadas. “Eu vou chegar direto e contar para meu pai que eu subi na árvore e eu chorei”, disse Kaianalu.

Antes de voltar, o barco parou no meio do rio para os homens pescarem. Aquela não era apenas uma expedição de coleta. **Melhor dito, nenhuma expedição se dedica a um único fim.** Uma expedição tem sempre mais de um objetivo. Inicialmente, elas pretendiam coletar copaíba tarde

a dentro, mas os perigos encontrados e os arrepios de Ayaneku levaram a uma mudança de planos. Ainda havia tento do rio, mas, para tirar esta semente, os homens têm que trepar nas árvores e isso os impede de pescar. Era preciso voltar com comida para casa: por isso, os homens pararam no meio do rio, sob o sol escaldante.

## COLETAR E PRODUZIR MEMÓRIAS

**A** expedição de coleta coletiva de Arayo teve um efeito interessante. No Amato, correndo dos porcos-do-mato, as mulheres de Arayo geraram uma memória, uma lembrança. As Yarang não iriam se esquecer daquele momento, disseram e, assim que passaram outra vez pelo local onde aquilo aconteceu, elas se lembraram de imediato e começaram a rir. Esse momento de produção de memória só foi possível porque passamos no mesmo lugar. O que ativou a memória daquele momento foi o lugar onde ele aconteceu. **A memória, para as mulheres ikpeng, produz vínculo com o território.**

Os lugares estão intimamente conectados àquilo que acontece neles. As histórias sobre a aldeia velha, por exemplo, eram contadas em versões muito mais longas e detalhadas quando elas visitavam este antigo assentamento, hoje, tomado pelas mangabeiras e o pequizal. **O corpo se altera em determinados lugares e a memória, que é uma parte do corpo, também se altera.**

Os lugares são nomeados de acordo com aquilo que aconteceu ali. A pescaria com timbó contada no começo deste livro aconteceu em um córrego. Em língua ikpeng, esse córrego é chamado por Makawa *Peregïtonowetpotu*. *Peregïtono* significa trairão e *wetpotu* significa acidente. “Local onde aconteceu um acidente com trairão”, este era o nome do córrego. Muito tempo atrás, uma mulher fora mordida ali por um trairão. O acontecimento nomeava aquele lugar. O lugar trazia a memória, era ali que eles se lembravam deste acontecimento.

Em outra pescaria com timbó, algumas famílias ikpeng foram a uma lagoa. O nome da lagoa é *Gordo Nimbli*, que significa “lugar onde gordo bateu”. Gordo é apelido do filho mais novo de Kapiuka. Tempos atrás, Kapiuka achou aquela lagoinha e levou-o para bater timbó; por isso o nome da lagoa é *Gordo Nimbli*, “lugar onde Gordo bateu”.

Os lugares recebem nomes quando as pessoas têm uma relação com eles. O que conecta uma pessoa a um lugar é uma memória. Quando as mulheres de Arayo diziam que não iam se esquecer da expedição, elas **fortaleciam seu vínculo com o Território Indígena do Xingu e faziam daquela terra sua terra.**

Nas expedições “individuais”, as mulheres aumentam suas relações com o território do entorno da aldeia e com seres que vivem ali. Nas expedições coletivas, por sua vez, as mulheres Yarang produzem memórias, pois compartilham histórias vividas por elas nos espaços por onde andam. **Sair juntas para coletar é, portanto, produzir tradições ikpeng.** Histórias que serão lembradas por gerações, como aquela da mulher que se acidentou com o trairão e como a primeira vez que o filho de Kapiuka, hoje adolescente, bateu timbó.

## CONHECENDO MELHOR O TERRITÓRIO

**K**uripo também contava que algumas das espécies florestais que ela coleta hoje, ela conheceu através da RSX. Seu avô é um grande conhecedor da floresta e sua irmã Kita sempre teve interesse no assunto. Por isso, Kita já conhecia as espécies florestais que elas coletam hoje. Kuripo, por sua vez, perguntava pouco ao avô na infância, e não aprendeu.

Ela não conhecia o cafezinho-do-pasto, a orelha-de-macaco, nem o tento do rio. Através da RSX, ela se colocou em contato com mais espécies, parte importante da floresta que contorna a aldeia. Assim, ela passou a se envolver mais com os conhecimentos sobre a floresta. **A Rede de Sementes do Xingu dá mais forças para as mulheres Yarang viverem suas vidas pela produção viva das memórias, pela conexão com o território como ele existe hoje, e não apenas como o lembram os antepassados.**

## COLETAR E APRENDER

**H**oje, Kuripo gosta muito de produzir sementes florestais, plantar frutas no quintal de casa e pensar jeitos novos de beneficiar as sementes. Como vimos, porém, quando era criança, ela não procurava o avô. A transmissão de conhecimento entre gerações nos povos indígenas acontece de maneira bastante distinta das escolas formais da cidade e das aldeias.

Os conhecimentos básicos sobre a vida indígena são transmitidos através das vivências do dia-a-dia. As especialidades, por sua vez, dependem do interesse do aprendiz. Muitos indígenas mais velhos pensam que a escola dificulta a transmissão dos conhecimentos básicos e diminui o interesse dos jovens pelas coisas tradicionais. Os jovens do TIX também afirmam que não sabem muita coisa e apenas aqueles que têm interesse conseguem algum conhecimento<sup>12</sup>. Estariam os Ikpeng em caminho sem volta em direção ao mundo dos brancos? O que o exemplo de Kuripo nos mostra é que hoje os indígenas podem conhecer melhor o mundo dos brancos, mas podem também aprender sobre o mundo em Terra Indígena, sobre a floresta e os sujeitos que a habitam.

Kuripo aprendeu o nome do cafezinho-do-pasto, por exemplo, quando iniciou suas coletas. Como vimos, conhecer o nome de algo é ter com ele uma relação: como Kuripo não se relacionava com as espécies florestais, ela desconhecia seus nomes. Não conhecia também suas características, nem sua importância na história e na vida ikpeng.

## PRODUZIR E TRANSMITIR CONHECIMENTOS

No final do mês de julho, o jatobá começou a cair no Pavuru. Por ser um fruto grande e pesado, muitas vezes as Yarang abriam os frutos sob as matrizes e guardavam apenas as sementes, para facilitar o transporte. Com Kuripo, porém, isso não acontecia, afinal Kuripo estava grávida e, como vimos, mulheres grávidas não devem abrir vagens de frutos. O bebê na barriga é frágil, sua humanidade ainda não está de todo definida, logo, a mãe deve evitar aborrecer os espíritos das sementes.

Quando saíram para coletar jatobá, Tapampo, esposo de Kuripo, foi com ela e carregou o grande saco de frutos nas costas até a casa. Chegando lá, Makawa se pôs no chão a abrir os frutos. Kuripo entrou para a casa. Makawa não só abriu os frutos, mas também se apressou em limpá-las.

12 HORTA, Amanda; GAUDITANO, Camila; BECHELANY, Fabiano & GASPARINI, Rosana. 2017. "Jovens Indígenas: desafios das novas gerações". In: RICARDO, Beto; RICARDO, Fany (Org.). **Povos indígenas no Brasil: 2011-2016**. São Paulo: Instituto Socioambiental.

Logo, Kuripo se aproximou, dizendo à mãe que não se preocupasse, pois ela mesma limparia as sementes de jatobá que lhe pertenciam.

A mãe respondeu falando duro: “você não pode limpar a semente, por causa do bebê!”. A explicação da mãe ensinava Kuripo a se relacionar com o jatobá, uma espécie vegetal muito importante para os Ikpeng. A relação com o jatobá vem do tempo das histórias antigas e dos mitos. Kuripo desconhecia o cafezinho-do-pasto, a orelha-de-macaco e o tento do rio, mas não só: mesmo as sementes cujo nome ela sabia – o jatobá é a mais importante de todas –, tinham cuidados especiais que ela desconhecia.

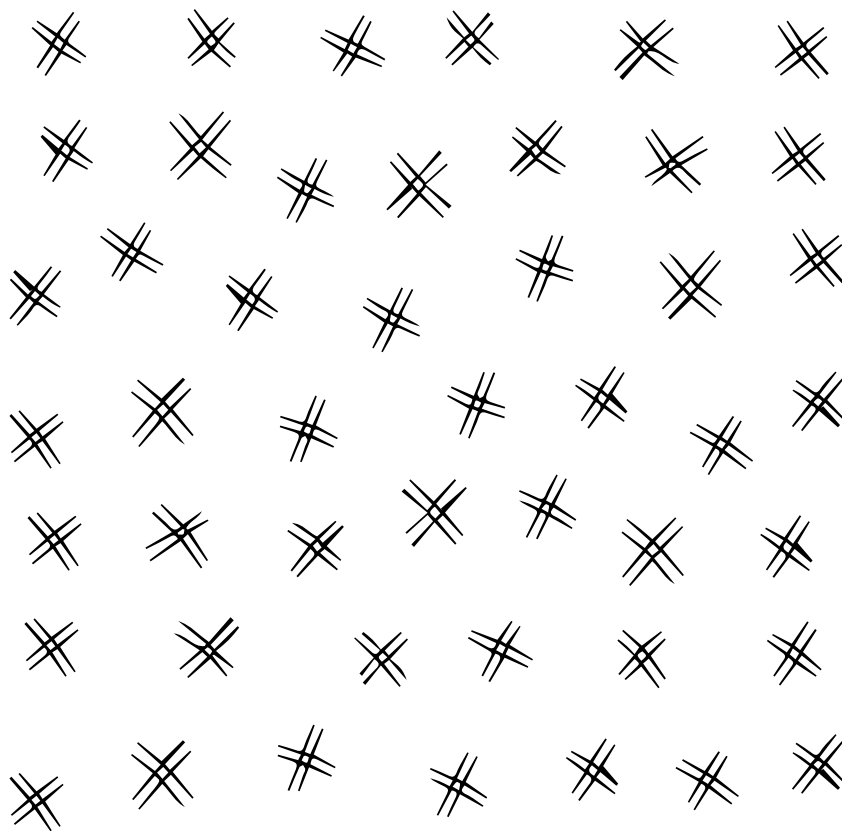
**As atividades de coleta e beneficiamento colocam em prática conhecimentos tradicionais sobre o manejo das espécies vegetais.** A educação na escola, as novas tecnologias e as reuniões de todo tipo, às vezes parecem afastar os indígenas da vida na aldeia, do parentesco, da floresta. É comum escutar os anciãos dizerem que os jovens não querem aprender com os mais velhos. Os jovens, por sua vez, dizem que os mais velhos não querem ensinar. Mas diante de tudo isso, o que é possível fazer?

Ninguém parece ter uma resposta pronta, mas a experiência da RSX tem se mostrado uma importante arma **contra o ataque constante aos modos de vida que não estabelecem o dinheiro como medida de todas as coisas** – os quilombolas, os assentados, os ciganos, os indígenas, os ribeirinhos e tantas outras populações e agrupamentos. **A RSX envolve os sujeitos na produção da floresta**, que é talvez a forma mais antiga de manejo dos recursos naturais. Hoje, sabemos que a paisagem da floresta não é uma natureza intocada, mas um produto da ação e da ocupação humana. A Rede de Sementes do Xingu incentiva a aproximação entre os humanos e os não-humanos, sejam eles frutos, árvores, animais, espíritos ou qualquer outro ser que ali se encontre.

Ainda que as mulheres sejam protagonistas nesse momento, há sempre a presença de homens nos processos de produção das sementes. Além disso, há pessoas de todas as idades envolvidas nessas atividades, adultos, idosos, adolescentes, crianças de colo e assim por diante. **Este cruzamento geracional permite a transmissão de conhecimento através da prática.**

Os velhos e velhas ikpeng nunca pediram uma “formação” escolar para ensinar sobre as proibições que as grávidas, as mães de crianças de

colo e as menstruadas devem obedecer. O que falta, segundo eles, é **conhecimento prático, não teórico**. As coletoras, aos poucos, adquirem este conhecimento ouvindo os mais velhos e testando o que eles dizem. A existência da RSX entre os Ikpeng depende do sucesso destas relações entre as gerações, da transmissão de conhecimento e da produção das memórias e afetos.



# Posfácio

Neste momento político em que a luta pelos direitos das populações minoritárias tem perdido batalhas para os grandes empreendimentos, este livro revela que muito mais que criar alternativas econômicas, a Rede de Sementes do Xingu estimula os indígenas das aldeias ikpeng a **produzirem a si mesmos enquanto indígenas**, através das relações coletivas e ao mesmo tempo íntimas com o território. A atividade de coleta e de beneficiamento das sementes florestais atravessa homens e mulheres de todas as idades e, **mais que produzir sementes, produz pessoas**. Gente cuja existência não depende de renda, mas das relações de parentesco, de vizinhança, de dependência mútua; da produção do alimento e da sua distribuição pelas redes de bens e afetos; das atividades, dos conhecimentos e das sementes partilhadas.

Entre as Yarang, as coletas servem também para ampliar suas experiências no Território Indígena, alargando suas fronteiras. Os protagonistas destes processos não são os brancos, mesmo que parceiros, pois eles não possuem estes conhecimentos. As protagonistas da Rede de Sementes são as populações que ela articula, com suas línguas, seus modos de vida, seus saberes tradicionais e sua capacidade profunda de reinventarem a si mesmos. Andar no mato, distinguir no céu a matriz e no chão a semente, é uma experiência de raiz profunda, que conecta essas pessoas à floresta que elas habitam. A única luta eficaz contra o fim do mundo é a conexão com ele.

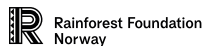
Na festa de dez anos do Movimento de Mulheres Yarang, o cacique Kampot disse: **“Estamos aqui para conversar sobre o trabalho de todos – não só das Yarang”**. O mesmo pode ser dito sobre este livro, que apresenta a vida na comunidade ikpeng para que possamos olhar com mais sensibilidade a experiência de cada um dos grupos coletores que integram a RSX. O cacique Kampot conclui sua fala com sábias palavras: **“Não devemos falar muito de dinheiro. Precisamos de dinheiro, mas é da floresta que sai nossa vida”**.

Amanda Horta

## Parcerias



## Apoios



**"O governo pergunta porque não derrubamos a mata para plantar, porque protegemos a floresta. Fala que temos muita terra e não estamos usando ela.**

**É mentira! Estamos usando a terra, mas do nosso jeito.**

**Estamos preservando a mata para garantir a sobrevivência dos nossos filhos e netos. Já tivemos que abandonar nossa terra natal e nem sei o que vocês fizeram com ela. Mas nós vamos lutar para manter essa floresta em pé."**

**Magaro Ikpeng**

